

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTANGUEIRAS MODERNAS
FACULDADE DE LETRAS

Priscila Bastos Giesbrecht

**CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA OS
ESTUDOS DA TRADUÇÃO:
o caso do advérbio *realmente* e suas múltiplas funções na tradução
para a língua francesa**

JUIZ DE FORA
2021

Priscila Bastos Giesbrecht

**CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA OS
ESTUDOS DA TRADUÇÃO:
o caso do advérbio *realmente* e suas múltiplas funções na tradução
para a língua francesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2021

**CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA OS ESTUDOS DA
TRADUÇÃO: o caso do advérbio *realmente* e suas múltiplas funções na
tradução para a língua francesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras-Tradução.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela
Universidade Federal de Juiz de Fora

Data da defesa:

10/09/2021

Nota: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todo o meu caminho; aquele já trilhado e aquele que escrevo a cada dia, visando a caminhos futuros. Gratidão!

Agradeço aos meus pais pelos esforços despendidos, para que nós, filhos, pudéssemos ir mais longe.

Agradeço ao meu marido, que sempre me apoiou e incentivou, dando conta de tudo, enquanto eu passava os finais de semana lendo e escrevendo.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pela confiança depositada em mim e pela orientação, sem a qual este trabalho não seria possível — meu muitíssimo obrigada, de coração!

Agradeço aos caros professores, Profa. Mayra Guedes e Prof. Adauto Villela, pela presença na banca examinadora e, também, pelo conhecimento partilhado ao longo da graduação do Bacharelado em francês.

Gratidão a todos que cruzam nosso caminho, levando um pouco de nós e deixando um pouco de si. Obrigada pela construção!

RESUMO

Neste trabalho, dedicamo-nos à investigação da tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa a partir de excertos extraídos da obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, publicada em 1984, a qual foi traduzida para o francês, em 1999, por Jacques Thiériot sob o título *Vive le Peuple brésilien*. Dessa forma, buscamos evidenciar em que medida a abordagem construcional, no âmbito dos estudos linguísticos, pode contribuir, de modo substancial, para os Estudos da Tradução. Como objetivo mais amplo, almejamos refletir acerca da importância de se assumir a abordagem construcional na tradução, a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, no que tange, particularmente, às proposições de Traugott e Trousdale (2013). Assim, nossos objetivos mais específicos são: i) analisar a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa, verificando as escolhas tradutórias e atestando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais das construções identificadas; ii) salientar a relevância de o tradutor ter consciência de que a unidade básica da língua é a construção; iii) trazer contribuições para a tradução do advérbio *realmente*, por meio das análises realizadas. Entendemos que o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, oriunda da convergência entre pressupostos fundamentais da Gramática de Construções e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), é aquele que vai ao encontro da visão de língua assumida neste trabalho, pois ambas compartilham a concepção de que os usos que fazemos da língua resultam de modelos já estabelecidos que têm como base a inter-relação entre linguagem, cognição e contexto de uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). No que tange especificamente à análise das ocorrências do advérbio *realmente* na língua portuguesa, nos pautamos na categorização assumida por Cunha Lacerda (2012). Do ponto de vista metodológico, adotamos, neste trabalho, a metodologia qualitativa, nos termos propostos por Bryman (1998), uma vez que realizamos uma análise descritiva e interpretativa da tradução do advérbio *realmente*. Os resultados obtidos, a partir da análise realizada, indicam que a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa ocorreu de maneira satisfatória, pois, de maneira geral, foram contempladas as especificidades formais e funcionais dos padrões contrucionais identificados.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Linguística Funcional Centrada no Uso. Tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa.

RÉSUMÉ

Dans cet ouvrage, nous nous consacrons à l'investigation de l'adverbe *realmente* traduit en langue française à partir de l'ouvrage *Viva o povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro, publiée en 1984 et traduite en français par Jacques Thiériot, dans sa traduction en 1999 *Vive le Peuple brésilien*. Ainsi, nous cherchons à montrer dans quelle mesure l'approche constructionnelle, dans le cadre des études linguistiques, peut apporter une contribution substantielle à la traductologie. Comme objectif plus large, nous visons à réfléchir sur l'importance d'adopter une approche constructionnelle en traduction, basée sur les hypothèses de la Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, notamment au regard des propositions de Traugott et Trousdale (2013). Ainsi, nos objectifs plus spécifiques sont : i) d'analyser la traduction de l'adverbe *realmente* du portugais au français, d'analyser les choix de traduction et de vérifier si ces choix envisagent les aspects fonctionnels et formels des constructions identifiées ; ii) souligner l'importance pour le traducteur d'être conscient que l'unité de base de la langue est la construction ; iii) apporter des contributions à la traduction de l'adverbe *realmente*, à travers l'analyse effectuée. Nous comprenons que la théorie de la Linguística Funcional Centrada no Uso, issu de la convergence entre les hypothèses fondamentales de la grammaire des constructions et du fonctionnalisme nord-américain (FURTADO DA CUNHA et al., 2013, 2016 ; ROSÁRIO ; OLIVEIRA, 2016 ; BISPO ; SILVA, 2016), est celui qui répond à la vision du langage assumée dans ce travail, car tout les deux partagent la conception que les usages que nous faisons du langage sont les résultats de modèles déjà établis qui sont basés sur l'interrelation entre le langage, la cognition et l'environnement social. (FURTADO DA CUNHA et al., 2013). Pour l'analyse des occurrences de l'adverbe *realmente* dans la langue portugaise, nous nous sommes basés sur la catégorisation de l'adverbe *realmente* assumée par Cunha Lacerda (2012). D'un point de vue méthodologique, dans ce travail, nous avons adopté la méthodologie qualitative, dans les termes proposés par Bryman (1998), car nous faisons une analyse descriptive et interprétative des occurrences de l'adverbe *realmente*. Les résultats obtenus à partir de l'analyse effectuée indiquent que la traduction a été réalisée de manière satisfaisante, car elle envisageait les spécificités formelles et fonctionnelles de l'adverbe *realmente* en portugais.

Mots-clés : Études de traduction. Linguística Funcional Centrada no Uso. Traduction de l'adverbe *realmente* en langue française.

ABSTRACT

In this study, we dedicate ourselves investigate the translations of the adverb “*realmente*” from the Portuguese language into the French language, based on excerpts taken from the book *Viva o povo Brasileiro*, by João Ubaldo Ribeiro, published in 1984, which was translated into French, in 1999, by Jacques Thiériot under the title *Vive le Peuple brésilien*. Thus, we tried to show how the constructional approach, in the context of linguistic studies, can substantially contribute to Translation Studies. As a broader objective, we aim to reflect on the importance of taking a constructional approach in translation, based on the assumptions of Use-Based Functional Linguistics, particularly with regard to the propositions of Traugott and Trousdale (2013). Thus, our specific objectives are: i) to analyze the translation of the adverb actually into the French language, verifying the translation choices and confirming whether these choices contemplate the functional and formal aspects of the identified constructions; ii) emphasize the importance of the translator being aware that the basic unit of the language is the construction; iii) to bring contributions to the translation of the adverb “*realmente*”, through the analysis carried out. We understand that the theoretical contribution of Use-Based Functional Linguistics, arising from the convergence between fundamental assumptions of the Grammar of Constructions and the classical functionalism of the North American perspective (FURTADO DA CUNHA et al., 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO ; SILVA, 2016; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), is one that meets the vision of language assumed in this study, as both share the concept that the uses we make of language results from already established models that are based on inter - relationship between language, cognition and context of use (FURTADO DA CUNHA et al., 2013). With specific regard to the analysis of occurrences of the adverb “*realmente*” in the Portuguese language, we base ourselves on the categorization assumed by Cunha Lacerda (2012). From a methodological point of view, in this study, we adopted the qualitative methodology, in the terms proposed by Bryman (1998), since we performed a descriptive and interpretive analysis of the translation of the adverb “*realmente*”. The results obtained from the analysis carried out indicate that the translation of the adverb “*realmente*” into the French language occurred in a satisfactory manner, as, in general, the formal and functional specificities of the identified constructional patterns were considered.

Keywords: Translation Studies. Use-Based Functional Linguistics. Translation of the adverb “*realmente*” into the French language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representação da ocorrência 1 e de sua respectiva tradução	38
Quadro 2 – Representação da ocorrência 2 e de sua respectiva tradução	39
Quadro 3 – Representação da ocorrência 3 e de sua respectiva tradução	40
Quadro 4 – Representação da ocorrência 4 e de sua respectiva tradução	41
Quadro 5 – Representação da ocorrência 5 e de sua respectiva tradução	42
Quadro 6 – Representação da ocorrência 6 e de sua respectiva tradução	44
Quadro 7 – Representação da ocorrência 7 e de sua respectiva tradução	45
Quadro 8 – Representação da ocorrência 8 e de sua respectiva tradução	46
Quadro 9 – Representação da ocorrência 9 e de sua respectiva tradução	47
Quadro 10 – Representação da ocorrência 10 e de sua respectiva tradução	48
Quadro 11 – Representação da ocorrência 11 e de sua respectiva tradução	49
Quadro 12 – Representação da ocorrência 12 e de sua respectiva tradução	50
Quadro 13 – Representação da ocorrência 13 e de sua respectiva tradução	51
Quadro 14– Representação da ocorrência 14 e de sua respectiva tradução	52
Quadro 15 – Representação da ocorrência 15 e de sua respectiva tradução	54
Quadro 16 – Representação da ocorrência 16 e de sua respectiva tradução	55
Quadro 17 – Representação da ocorrência 17 e de sua respectiva tradução	56
Quadro 18 – Representação da ocorrência 18 e de sua respectiva tradução	57
Quadro 19 – Representação da ocorrência 19 e de sua respectiva tradução	58
Quadro 20 – Representação da ocorrência 20 e de sua respectiva tradução	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A TRADUÇÃO NO ÂMBITO DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL: UMA PROPOSTA	11
1.1 TRADUÇÃO E LINGUÍSTICA: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO AO LONGO DO TEMPO	11
1.2 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	16
1.3 INTERFACE ENTRE A TRADUÇÃO E A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL: UMA PROPOSTA	21
1.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	24
ADVÉRBIOS –MENTE E –MENT: UMA BREVE REVISÃO	25
2.1 O ADVÉRBIO <i>REALMENTE</i> NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA BREVE REVISÃO	25
2.2 O ADVÉRBIO <i>RÉELLEMENT / VRAIMENT</i> NA LÍNGUA FRANCESA: UMA BREVE REVISÃO	30
2.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	34
ANÁLISE DOS DADOS	35
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.2 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS	36
3.3 ANÁLISE	37
3.4 CONCLUSÕES	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

A língua é um organismo vivo, que se modifica através do tempo e conforme as novas necessidades comunicativas. As palavras ganham novos significados, e novas formas surgem. Assim, a língua vai cumprindo seu papel em uma dimensão linguística, cultural e social. Dessa forma, novas instâncias de uso são um desafio para os tradutores, pois, se há sempre aspectos linguísticos e também extralinguísticos envolvidos, não traduzimos apenas palavras. Portanto, realizar a escolha tradutória adequada nem sempre é simples. Traduzir, na verdade, requer habilidades e conhecimentos específicos por parte do tradutor, o qual deve sempre se manter atualizado quanto aos novos usos que o falante faz da língua.

É nesse contexto que se insere este trabalho, que, ao assumir como *corpus* de análise a obra *Viva o povo brasileiro* – produzida por João Ubaldo Ribeiro em 1984 – e sua respectiva tradução para a língua francesa – a qual se intitula *Vive le peuple brésilien*, tendo sido produzida por Jacques Thiériot em 1999 –, tem o intuito de verificar se, no processo tradutório, o tradutor levou em consideração a forma e o sentido do advérbio *realmente* presentes no texto original.

Nesse sentido, baseando-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso – também denominada LFCU –, nos termos assumidos por Furtado da Cunha *et al.* (2013, 2016), Rosário e Oliveira (2016) e Bispo e Silva (2016), buscamos atestar se o tradutor conseguiu, de alguma maneira, realizar escolhas tradutórias que se pautem nos pareamentos forma-função apresentados pelo advérbio em questão no texto original. Desse modo, além desse objetivo mais geral, temos ainda, neste trabalho, alguns objetivos mais específicos, a saber: i) analisar a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa, verificando as escolhas tradutórias e atestando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais das construções identificadas; ii) salientar a relevância de o tradutor ter consciência de que a unidade básica da língua é a construção; iii) trazer contribuições para a tradução do advérbio *realmente*, por meio das análises realizadas.

A fim de cumprir os objetivos propostos, assumimos, portanto, como aporte teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, oriunda da convergência entre pressupostos fundamentais da Gramática de Construções e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (FURTADODA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016). De modo mais

específico, assumimos, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, a abordagem construcional da mudança, nos termos ensejados por Traugott e Trousdale (2013). Ainda, para a análise das ocorrências do advérbio *realmente* na língua portuguesa, nos pautamos na categorização assumida por Cunha Lacerda (2012).

Nesse sentido, o presente trabalho mostra-se relevante, pois, apesar de existirem alguns trabalhos que propõem uma interface entre tradução e abordagem construcional, eles não abordam as categorias analíticas a partir do modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013). Além disso, os trabalhos já realizados apresentam recortes e objetivos bem distintos. Assim, torna-se pertinente a realização deste trabalho, em particular, a partir da proposição de uma análise baseada na Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – que relacione a tradução e a abordagem construcional nos termos assumidos e propostos por Traugott e Trousdale (2013).

Do ponto de vista metodológico, tomamos como base o método qualitativo, nos termos de Bryman (1998), uma vez que realizamos uma análise descritiva e interpretativa da tradução do advérbio *realmente*.

Desse modo, a fim de cumprir todos os objetivos propostos, este trabalho organiza-se da seguinte maneira: no Capítulo I, apresentamos um panorama histórico dos Estudos da Tradução, destacando sua interface com a Linguística e, de modo mais específico, com a abordagem construcional; por sua vez, no Capítulo II, apresentamos uma revisão bibliográfica acerca do advérbio *realmente* na língua portuguesa e dos advérbios *réellement* / *vraiment* na língua francesa; por fim, no Capítulo III, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, bem como a análise dos dados em português e suas respectivas traduções para o francês.

CAPÍTULO I

A TRADUÇÃO NO ÂMBITO DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL: UMA PROPOSTA

Neste primeiro capítulo, traçamos um breve panorama histórico da tradução, pautado nas cinco abordagens sistematizadas por Genzler (1993), com enfoque no texto de James Holmes (1972), de grande importância para o estabelecimento da disciplina Estudos da Tradução e, discutimos, ainda, as contribuições da Teoria do Skopo, nos termos propostos por Vermeer (1996). Em um segundo momento, apresentamos a abordagem construcional e suas contribuições para a Linguística, com enfoque na Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU. Em um terceiro momento, apresentamos dois trabalhos que assumem a noção de construção na tradução e propomos uma interface entre a abordagem construcional e os Estudos da Tradução. Por fim, sistematizamos as conclusões do capítulo.

1.1. TRADUÇÃO E LINGUÍSTICA: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO AO LONGO DO TEMPO

Historicamente, não é possível datar, de maneira precisa, o momento em que se iniciou a tradução como prática. Mesmo assim, podemos afirmar que ela sempre existiu. É plausível imaginar que, se povos diferentes, com línguas distintas, estão em contato, há a necessidade da tradução. Desde o Egito Antigo, a Grécia e o Império Romano, temos relatos da utilização de tradução – na modalidade interpretação – de línguas orais. As práticas tradutórias favoreceram – e favorecem – as relações mercantis, diplomáticas, militares, enfim, as relações humanas, pois sempre estiveram baseadas no uso da língua e, conseqüentemente, na tradução, no caso de culturas e línguas distintas.

O primeiro tradutor do Ocidente cujo nome se registrou foi Lívio Andrônico, que traduziu a Odisséia em versos latinos, por volta de 240 a.C.. Névio, Ênio, Cícero e Catúlo foram também tradutores frequentes de textos gregos para o latim. Suas traduções, segundo Friedrich (1992), incorporavam o assunto da

cultura estrangeira à cultura receptora. A mais antiga tradução da Bíblia em forma escrita é a Septuaginta, realizada entre os séculos III a.C e I a.C, por 72 sábios que a traduziram do hebreu para o grego. Sua tradução mais importante para o latim é a Vulgata, feita pelo eminente biblista Jerônimo, no final do quarto século e no começo do quinto século, por volta de 400 d.C.. No século II, a Bíblia foi traduzida do grego para o latim, originando a versão conhecida como *Vetus Latina*, que, mais tarde, originou a tradução em português realizada pelo Padre João Ferreira de Almeida.

Segundo alguns estudiosos, a profissão de tradutor – e, mais especificamente, a de intérprete – surgiu na América com a chegada de Cristóvão Colombo, que necessitava entrar em contato com os nativos das terras recém-descobertas. Os intérpretes que facilitavam a comunicação entre nativos e conquistadores eram chamados de “línguas” e podiam atuar como intérpretes, junto aos nativos, em julgamentos e até em “audiências reais”.

Apesar de a tradução ser uma prática já há muito estabelecida, seu estudo como disciplina acadêmica conheceu um maior aprofundamento apenas na segunda metade do século XX, a partir da década de 1970. Até então, a tradução era vista como um meio, e não como um fim. Era através dela que se realizavam o comércio, a diplomacia entre os países e, inclusive, o aprendizado de uma língua estrangeira, configurando o método gramática-tradução. Tal método, inicialmente aplicado ao latim e ao grego clássicos, era centrado no estudo das regras e estruturas gramaticais da língua estrangeira. As regras eram praticadas e testadas através da tradução de orações distantes da realidade e artificialmente construídas, a partir da exemplificação das estruturas a serem estudadas. Provavelmente, a ligação da tradução ao ensino de línguas foi o motivo que levou as diversas academias a encararem a tradução como uma ciência inferior, servindo apenas para aquisição da capacidade linguística, sem valor por si só.

A partir da década de 1960, surgiram movimentos e teóricos interessados em refletir sobre questões de tradução, mas – até os anos 1970 – ainda baseados na noção de equivalência. Pautando-se nessa noção, estão compreendidas duas abordagens, a saber: a Oficina Norte-Americana de Tradução e a Ciência da Tradução.

A Oficina Norte-Americana de Tradução primava pela equivalência estética, considerando que ao tradutor caberia reproduzir a experiência estética do texto original no texto traduzido (GENTZLER, 1993). Os pesquisadores partiam do pressuposto de que seria possível decodificar uma experiência estética e recodificá-la em outra língua, devendo, assim, dar ênfase ao ritmo, à dicção, ao movimento das palavras, à forma e à métrica do texto-fonte, pois esses seriam os traços que fariam com que o leitor da tradução tivesse a mesma experiência estética de sensações, pensamentos e imagens que o original teria proporcionado ao seu leitor. Já a Ciência da Tradução, nos termos assumidos por Nida (1960), analisava a tradução de maneira formalista, baseada nos postulados do gerativismo chomskyano, pautado na diferenciação entre estrutura profunda e estrutura superficial. Assim, adotando a diferença entre as duas estruturas, Nida (1960) propôs o conceito de “equivalência dinâmica”, a partir do qual a mensagem do original, quando traduzida, deveria expressar os mesmos efeitos do original no público-alvo da tradução. Catford (1965), por sua vez, propôs a equivalência textual, em que, para cada elemento de uma língua, haveria um equivalente em outra; e a equivalência formal, em que um dado elemento da língua de chegada ocuparia a mesma posição ou categoria na estrutura da língua de partida, o que configuraria uma aproximação entre duas gramáticas distintas. Portanto, o processo tradutório se basearia apenas em substituir material textual de uma língua por material textual equivalente de outra língua, não levando em consideração os contextos que os envolvem – e, muito menos, a intenção do autor do original. Até o início dos anos 1970, a tradução não era considerada uma disciplina, não sendo estudada como um fim. Na verdade, era vista como meio por pesquisadores de outras áreas, como Linguística, Filosofia, Estudos Literários. A respeito da dispersão da tradução em relação a outras áreas, James Holmes (1972 *apud* VENUTI, 2000) destaca que as publicações relativas à tradução se encontravam dispersas em periódicos de várias áreas diferentes e que a área era nomeada de maneira muito diversa, como: arte da tradução, fundamentos da tradução ou filosofia da tradução – termos utilizados para designar os estudos que eram desenvolvidos sob a perspectiva tradutória.

A busca incessante, nos anos 1960, pela equivalência negligenciava aspectos importantes – culturais, sociais e históricos – da atividade tradutória.

Diante disso, Holmes, em 1972, a partir de seu trabalho seminal, intitulado *The name and the nature of Translation Studies*, propôs uma mudança de perspectiva na tradução, propondo que ela fosse considerada uma disciplina, nomeada Estudos da Tradução. E a disciplina, neste caso, apresentaria um caráter coletivo e inclusivo, abarcando todas as atividades relacionadas às traduções e ao ato de traduzir (HOLMES, 1972).

Segundo Holmes (1972), a nova disciplina compreenderia tanto os Estudos Descritivos quanto os Estudos Teóricos da Tradução e, sendo de natureza empírica, teria como fundamento dois principais objetivos: descrever o fenômeno da tradução e as traduções como se manifestam; e estabelecer princípios gerais a partir dos quais o fenômeno tradutório possa ser estudado. Nesse contexto da abordagem descritiva, a tradução passou a ser vista de forma mais contextualizada, tendo como preocupação promover um conhecimento mais sistemático sobre os procedimentos envolvidos na tradução. Sob essa perspectiva, a meta da disciplina seria produzir uma teoria abrangente que pudesse ser usada como diretriz para a produção de traduções.

Ainda da década de 1970, surgiu, também, a Teoria dos Polissistemas, tendo como principal representante Even-Zohar (1970). Segundo o autor, os sistemas culturais, sociais e históricos se relacionam entre si dentro de uma determinada cultura de forma dinâmica. E cada um desses sistemas é, na verdade, um polissistema que influencia e é influenciado por outros polissistemas. Como exemplo, poderíamos citar o polissistema literário com seus variados tipos de literatura – canônica, infantil, de massa, traduzida etc. – que se influenciam mutuamente, sem contar os outros polissistemas, os culturais, os sociais e os históricos, que têm suas relações internas e se interrelacionam. A grande contribuição da Teoria dos Polissistemas foi considerar os textos traduzidos de forma integrada, relacionando-os à cultura de partida e, principalmente, à cultura de chegada.

Como destaca Gentzler (1993), as teorias contemporâneas da tradução ainda contam com uma quinta abordagem, intitulada Descontrutivismo, cujo objetivo primordial é romper com o original. Segundo o seu maior expoente, Jacques Derrida, a tradução modifica o texto original. Para o

Descontrutivismo traduzir significa promover intervenções no texto original, e, nesse contexto, a tradução passa a ser concebida como o resultado da leitura e interpretação do tradutor, sendo reconhecida como um processo de transformação.

Hans J. Vermeer, na década de 1970, agrega *skopos*, do grego “propósito / finalidade”, à teoria da tradução para designar a intenção específica de uma tradução ou de um ato tradutório. Segundo o autor, o Escopo estabelece que o tradutor deve traduzir, consciente ou inconscientemente, em conformidade com certo princípio, que deve ser escolhido em cada caso específico, respeitando o texto alvo.

Para Vermeer (1996), toda comunicação possui uma intenção, uma finalidade e, segundo as bases funcionalistas, o texto deve responder às seguintes questões: para que, por que, como e para quem. Toda comunicação está baseada nessas finalidades, ainda que de maneira inconsciente. Ninguém diz algo simplesmente por dizer. Na verdade, comunicamos sempre com um objetivo, e tais objetivos devem ser levados em consideração no momento de uma tradução. Não fazemos nada de maneira neutra ou isenta, e as atitudes humanas estão carregadas de intencionalidade. Assim, o processo de tradução é guiado, também, por um propósito, ou vários, mas que, uma vez estabelecidos, devem ser alcançados na cultura de chegada, tendo sempre o leitor final como foco da produção textual. O importante é que a tradução consiga cumprir as necessidades de quem a solicitou de maneira apropriada ao leitor e ao contexto finais. Portanto, é o propósito da tradução que norteará o tradutor e determinará seus métodos e estratégias para realização da tradução e, assim, chegar a um resultado funcionalmente adequado (MUNDAY, 2002).

Tendo em vista todo o percurso histórico da tradução, vemos que o entendimento do que é tradução partiu do concreto para o abstrato. O que outrora era estudado sob a perspectiva da forma, hoje é concebido sob o prisma da funcionalidade. Paralelamente, nesse sentido, também os estudos linguísticos seguiram caminhos bem próximos aos dos Estudos da Tradução. Assim, observamos uma correlação existente entre a tradução e a Linguística e podemos considerar que as abordagens linguísticas oriundas do funcionalismo linguístico – mais especificamente a LFCU, como discutiremos adiante – são

aquelas em que encontramos uma relação mais estreita entre essas duas áreas.

1.2. LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Nós, seres humanos, nos comunicamos de diversas maneiras. Aquela que nos distingue dentre os mamíferos é a comunicação verbal. É através dela que atuamos no mundo e nos relacionamos social e culturalmente. Dessa forma, pensamos e vemos a língua como sendo a nossa interação com o mundo e com os outros seres. Assim, é através da língua que materializamos nossos pensamentos e nossas intenções para entrar em contato com o outro e nos comunicarmos. Logo, a língua atenderá às nossas necessidades comunicativas e às funções discursivas pretendidas em um dado contexto (ou em contextos diferentes). Dito de outra forma, os aspectos linguísticos de uma língua atuam em conjunto com os processos cognitivos e sob a influência de fatores culturais e sociais. Sendo assim, a verdadeira motivação para os usos que fazemos da língua é o mundo em que vivemos – sociedade, influências e experiências sociais e culturais. Desse modo, é ele que molda e motiva nossa atividade linguística.

Entendemos que o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, oriunda da convergência entre pressupostos fundamentais da Gramática de Construções e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), é aquele que vai ao encontro da visão de língua assumida neste trabalho, pois ambas compartilham a concepção de que os usos que fazemos da língua resultam de modelos já estabelecidos que têm como base a inter-relação entre linguagem, cognição e contexto de uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

Entendemos que a gramática e o léxico de uma língua, bem como a renovação no sistema linguístico, surgem da necessidade comunicativa dos falantes no momento da interação, sendo influenciados pelo contexto social e cultural em que estão inseridos. Segundo Bybee (2002), a língua é um sistema adaptativo, constituído de padrões regulares pré-estabelecidos e de outros

padrões que nela emergem conforme as necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Assim, os falantes tendem a adaptar suas falas aos diferentes contextos de comunicação, ativando as regras mais gerais em combinação com os eventos mais específicos de uso.

Os padrões pré-estabelecidos, e aqueles que emergem no contexto de uso, formam o que Goldeberg (1995, 2006) intitula construção, definida como uma unidade simbólica que vai desde morfemas simples até expressões idiomáticas. A construção se constitui por um polo da forma – dotado de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas – e por um polo do sentido – dotado de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (CROFT, 2001). Vale destacar que tais polos são conectados por um elo de correspondência simbólica. Para Goldberg (2016), a construção é um pareamento de forma e função, com propriedades formais e propriedades funcionais que se influenciam mutuamente. As construções têm significado próprio, independente das partes que as compõem, não sendo nem somente sintaxe e nem apenas semântica, mas compreendendo em si propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Dessa forma, quando usamos a língua, lançamos mão de construções e as usamos de maneira inovadora, ou até idiomática, no contexto desejado.

Assim, temos a construção como unidade básica da língua, e a língua, por consequência, como um inventário de construções que se organizam de maneira hierárquica, interligadas como uma grande rede que relaciona as diversas construções de maneira esquemática, com propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas. Desse modo, os processos de mudança linguística sempre acontecem no interior de uma construção. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a mudança pode afetar tanto a forma como o significado de uma construção. Para eles, a mudança que afeta apenas a forma ou apenas o significado intitula-se mudança construcional. Caso a mudança afete tanto forma como significado, teremos a construcionalização, que pode ser lexical ou gramatical. Conforme os autores:

[...] a criação de um novo pareamento de forma-significado (combinação) de signos faz surgir novos tipos de nós, que têm uma nova sintaxe ou morfologia e um novo significado

codificado na rede linguística de uma população de falantes. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa.)¹

O modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), baseado nos pressupostos da Gramática de Construções, explica a mudança linguística através dos processos cognitivos a partir de duas dimensões: a construcionalização e a mudança construcional, explicados acima. As novas construções apresentam novas propriedades e são incorporadas à língua por sua comunidade de fala de maneira gradativa ou instantânea, segundo as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Para falar de esquematicidade, é válido entender o que é um esquema. Um esquema pode ser entendido como uma categoria geral maior. Sendo essencialmente abstrata, ela abrange o primeiro nível de categorização. Dos esquemas derivam os subesquemas e deles as microconstruções e, por consequência, os construtos – em um movimento sempre originado em um âmbito “macro”, mais geral, em direção ao “micro”, mais específico. Para exemplificar, podemos citar o grande esquema *animal* que o falante possui em sua mente. Dele derivam os mamíferos, os répteis, os anfíbios etc. que compõem os subesquemas, e os subesquemas se tornam cada vez mais específicos, chegando às microconstruções e aos construtos, os mais específicos possíveis. Existem, entretanto, níveis de esquematicidade, podendo existir construções mais gerais (mais esquemáticas) e mais específicas (menos esquemáticas). Segundo Goldberg (2006), o conhecimento esquemático generalizado faz parte da cognição humana, sendo de grande importância para que o falante promova mudanças na língua, sempre se baseando em seus esquemas. A produtividade, como o próprio nome já diz, refere-se à frequência com que uma construção aparece na língua. Nesse caso, a frequência pode ser *type* ou *token* – respectivamente, frequência de tipo e frequência de ocorrência. A frequência *type* está relacionada à frequência de um certo padrão na língua, e a frequência *token* se refere à frequência de ocorrência de uma unidade no uso (BYBEE, 2010). Para Traugott e Trousdale (2013), o aumento da frequência de uso de uma construção acontece de maneira gradual e ao longo do tempo. Assim, uma frequência só

¹ Cf.: “[...] the creation of formnew-meaningnew (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers”.

se torna rotinizada e automatizada quando os falantes passam a usar cada vez mais aquela construção.

E, por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e sentido, ou seja, quando a forma revela o sentido através da sintaxe – o significado dos elementos individuais é o significado do todo – ou quando o sentido já se faz independente da forma, em que o todo possui um significado a partir dos elementos composicionais. Assim, quando temos uma construção sintaticamente e semanticamente compatível, temos um *match* entre forma e sentido; do contrário, quando não há compatibilidade entre a sintaxe de uma construção e sua semântica, como é o caso das expressões idiomáticas, temos um *mismatch* entre forma e sentido.

Percebemos, assim, a existência de dois tipos de composicionalidade, uma semântica e a outra sintática. A composicionalidade semântica refere-se à soma dos significados das partes, sendo que uma construção é mais composicional semanticamente quando o significado das partes pode ser recuperado no significado do todo. Já a composicionalidade sintática refere-se ao nível de integridade morfossintática das partes, ou seja, quanto mais composicional uma construção, mais suas partes retêm as propriedades gramaticais originais. Assim, em um processo de mudança linguística, temos a redução da composicionalidade sintática e semântica. Isso significa dizer que, quando uma construção existente reduz o significado de sua composição, perdendo cada vez mais o sentido das partes e, também, sua formação morfossintática, ela tende a originar uma nova construção na língua – já que a “nova” construção nada mais tem da forma e do sentido originais –, bastando, para que se concretize na língua, o aumento de sua produtividade e de sua esquematicidade.

A Gramática das Construções surgiu a partir da década de 1970 como o resultado de três projetos que se desenvolveram de maneira quase que simultânea. Dois na Universidade de Berkley, um com Paul Kay e Charles Fillmore, e o outro com George Lakoff, sendo uma tentativa de incluir os idiomatismos sintáticos na teoria linguística. O terceiro, por sua vez, surgiu na cidade de San Diego, com Ronald W. Langacker, que desenvolveu seu projeto de maneira mais independente, tendo como motivação o desejo de explicar as

diferenças semânticas sutis entre sentenças que descreviam uma mesma cena. O modelo de Langacker tem como base as imagens mentais evocadas pelas sentenças, levando em consideração o critério de uso das construções. Assim, segundo Hoffmann (2017), podemos ver dois grandes grupos nas abordagens construcionais. Um de inclinação mais formalista, baseado na competência, que remonta aos trabalhos de Kay e Fillmore – *Berkley Construction Grammar* e *Sign-Based Construction Grammar* –; e um segundo grupo englobando as teorias e os modelos baseados no uso, com inclinação cognitivo-funcional – *Cognitive Constructoin Grammar*, *Cognitive Grammar*, *Radical Construction Grammar*, *Fluid Construction Grammar*, *Embodied Construction Grammar* e *Usage-Based Approach*.

O modelo *Usage-Based Approach* é a denominação utilizada por autores como Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013). No Brasil, foi adotada, no âmbito dos estudos do grupo *Discurso & Gramática*, a nomenclatura Linguística Funcional Centrada no Uso² – denominação atribuída por Martelotta (2011), Furtado da Cunha *et al.* (2013), Rosário e Oliveira (2016), Bispo e Silva (2016), dentre outros.

Na obra de Traugott e Trousdale (2013), intitulada *Constructionalization and Constructional Changes*, é proposto um novo modelo teórico para se investigar a mudança do ponto de vista construcional, seja ela lexical ou gramatical, levando em consideração que a língua é uma rede taxonômica de construções organizadas e associadas de maneira hierárquica. O modelo trata a mudança a partir da noção de construção, sendo o pareamento simbólico e convencionalizado entre forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e função (semântica, pragmática e discurso), conforme Goldberg (2016). Nesse sentido, a língua é formada por um conjunto de construções que se organizam hierarquicamente, ou seja, ela é uma rede de nós interligados por elos, de modo que as associações entre esses nós acontecem de maneira hierárquica (TRAUGOTT; TROUSALE, 2013).

A construcionalização proposta por Traugott e Trousdale diz respeito, justamente, ao processo de mudança linguística baseado no surgimento de novos pareamentos forma-função, segundo as necessidades dos falantes.

² Da Gramática de Construções, a LFCU se apropria, por exemplo, dos conceitos de construção e de rede, nos termos de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001).

Conforme os autores, a construcionalização gramatical pressupõe neoanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas, sendo um processo gradual. Já a construcionalização lexical é um processo de mudança linguística instantânea de uma construção de natureza mais referencial.

A mudança construcional, por sua vez, constitui o processo de mudança que acontece em um determinado nível linguístico de uma construção, podendo ser no nível da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática ou do discurso, sem resultar em criação de um novo pareamento forma-função na língua. Tal como a construcionalização, a mudança construcional constitui um processo de mudança que se dá passo a passo, a partir de uma sucessão de micro-passos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

1.3. INTERFACE ENTRE A TRADUÇÃO E A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL: UMA PROPOSTA

Com relação à abordagem construcional e sua interface com a tradução, os estudos são recentes e ainda há pouca produção a respeito. Assim, nesta seção, apresentamos dois trabalhos que estabelecem uma relação entre a tradução e a abordagem construcional. Primeiramente, apresentamos o artigo de Izabela Szymanska, publicado no livro intitulado *New Perspectives in Language, Discourse and Translation Studies*, no ano de 2011 e, em seguida, o trabalho de Tatiana Serbina (2015), intitulado *A Construction Grammar approach to the analysis of translation shifts: a corpus-based study*, que traz um estudo, a partir da abordagem construcional, sobre três construções de estrutura argumental em inglês e alemão com enfoque na análise de deslocamento tradutório.

O artigo de Szymanska (2011) é um texto teórico-reflexivo que estabelece uma interface entre a tradução e a abordagem construcional através de questões sobre a aplicabilidade de conceitos da Gramática de Construções para a tradução. A autora apresenta como objetivo central demonstrar que algumas características da Gramática de Construções a tornam um modelo capaz de abordar, integralmente, uma grande quantidade de problemas presentes na área da tradução.

Na introdução, Szymanska (2011) retoma o desenvolvimento dos

Estudos da Tradução, abordando alguns de seus princípios fundamentais. Em seguida, em uma segunda seção, a autora apresenta os conceitos nos quais se baseiam a Gramática de Construções e seus principais autores. Na terceira seção, a autora já aborda, de modo mais específico, a aplicabilidade dos conceitos da Gramática de Construções para a tradução. Segundo a autora, o pensamento construcional sobre a linguagem é de grande importância para a tradução, uma vez que abarca a interpretação e a produção de textos como sendo transmitidas no reconhecimento da função do todo, e não de pequenas partes. Ela ainda argumenta que a noção da construção, assumida como pareamento forma-função, se baseia na observação de que o significado de uma expressão complexa não precisa ser presumido a partir dos significados de suas partes, assumindo uma função mais ampla para a construção. No que diz respeito ao processo tradutório, Szymanska (2011) afirma que a Gramática de Construções auxilia o tradutor em suas escolhas linguísticas relacionadas às especificidades dos termos a serem traduzidos, levando em consideração, por exemplo, a frequência e a colocação mais prototípica ou não de alguns termos no texto original. Para a autora, a Gramática de Construções considera a relação existente entre o sistema linguístico e o uso da língua. Argumenta ainda que, por ser baseada no uso e por incluir aspectos pragmáticos, a Gramática de Construções também é capaz de explicar a influência de aspectos sutis relacionados às escolhas do tradutor, o que contribui para que um texto traduzido seja recebido em sua “comunidade linguística” da mesma forma que o original foi recebido por seu público nativo.

Szymanska (2011) discute também a noção de equivalência entre texto original e tradução. Ela entende que, em uma tradução, não há correspondência exata entre as construções da língua fonte e da língua alvo. Assim, o tradutor deve escolher, dentre as construções possíveis, estabelecendo prioridades quanto à dimensão da equivalência que será mais relevante para aquela tradução em particular. Nesse sentido, sempre haverá perdas e ganhos no processo de tradução. Porém, uma vez que as construções são descritas como grupos de propriedades, a Gramática de Construções possui ferramentas precisas para identificar quais são essas perdas e esses ganhos na tradução, aproximando a tradução de seu original no que tange à questão da função, ou melhor, do escopo da tradução.

Mais a frente em seu artigo, Szymanska (2011) procura ilustrar o mecanismo de perdas e ganhos no processo tradutório ao apresentar um estudo do padrão construcional *make sb do sth*, na tradução do inglês para o polonês.

Por fim, a partir de reflexões teóricas, a autora conclui seu artigo advogando a favor das contribuições advindas da interface entre a abordagem construcional da gramática e a tradução, mostrando que a abordagem construcional favorece as escolhas feitas pelo tradutor sob uma análise mais precisa das construções.

No trabalho de Serbina (2015), *A Construction Grammar approach to the analysis of translation shifts: a corpus-based study*, a autora traz conceitos relevantes para a tradução, como: unidade de tradução, noção de equivalência, propriedades da tradução, além de fatores que interferem no processo tradutório. Ela também discorre sobre a Gramática de Construções e suas principais características. A autora também aborda a noção de língua organizada em rede de construções e argumenta a favor de um modelo de Gramática de Construções para a análise multilíngue e para os Estudos da tradução.

Os resultados de Serbina (2015), em seu trabalho, apontam que, embora as construções sejam particulares de cada língua, aquelas investigadas apresentam semelhanças tanto no polo da forma como no polo da função nos idiomas inglês e alemão. Por outro lado, em algumas construções específicas, há diferenças funcionais e formais em construções correspondentes nos idiomas estudados. A autora do trabalho sugere, nesse sentido, que novos *insights* sobre a natureza das traduções podem ainda ser obtidos examinando-se tais fenômenos dentro da estrutura da Gramática de Construções e que a abordagem construcional escolhida apresenta uma maneira específica de examinar as traduções, fornecendo uma perspectiva diferente sobre os dados e podendo levar a análises de unidades linguísticas que não estão no foco de outras abordagens.

Apesar de os trabalhos analisados apresentarem uma interface entre a tradução e a abordagem construcional, eles não abordam as categorias analíticas tomando como base o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013). Além disso, apresentam recortes e objetivos bem distintos. Assim, torna-se pertinente a realização deste trabalho a partir da proposição de uma

análise que relacione a tradução e a abordagem construcional nos termos assumidos e propostos por Traugott e Trousdale (2013).

1.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Conforme visto neste capítulo, a tradução sempre esteve presente na comunicação humana. A partir da década de 1970, após a criação da disciplina Estudos da Tradução, o ato de traduzir passou a ser analisado e estudado não mais como um meio para se estudarem as outras ciências, mas sim como uma ciência independente.

Nesse sentido, visando a propor uma interface entre a tradução e a abordagem construcional, apresentamos e discutimos alguns conceitos importantes que se estabelecem no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo mais específico, na obra de Traugott e Trousdale (2013). Ainda, analisamos dois trabalhos que versam sobre a correlação entre a tradução e a Linguística – mais propriamente, sobre a relação entre a Gramática de Construções e a tradução.

Neste trabalho, levando em consideração a interface entre a Gramática de Construções e a tradução, propomos analisar o advérbio *realmente* na obra de João Ubaldo Ribeiro intitulada “*Viva o Povo Brasileiro*”, publicada em 1984 no Brasil, e sua respectiva tradução para o francês “*Vive le peuple brésilien*”, de 1999, traduzida por Jacques Thiériot. Intentamos, nesse sentido, verificar se, ao traduzir, Thiériot levou em consideração apenas a forma ou também o sentido apresentado pelo advérbio no original.

CAPÍTULO II

ADVÉRBIOS –*MENTE* e –*MENT*: uma breve revisão

O capítulo tem como objetivo apresentar uma breve revisão bibliográfica sobre o advérbio *realmente*, da língua portuguesa, e sobre os advérbios *réellement* e *vraiment*, da língua francesa. Mais precisamente, na seção 2.1, tomamos como base os trabalhos de Andrade (2017), Guimarães (2016) e Cunha Lacerda (2012), em língua portuguesa, os quais tratam do advérbio *realmente*. Já na seção 2.2, nos baseamos nos trabalhos de Franckel e Paillard (2008), Lapointe (2007) e Longová (2011), acerca dos advérbios em língua francesa. Por fim, apresentamos as conclusões do capítulo.

2.1. O ADVÉRBIO *REALMENTE* NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA BREVE REVISÃO

Etimologicamente, o advérbio *realmente* faz parte da categoria de advérbios de afirmação na língua portuguesa, compreendendo a junção do adjetivo *real* + sufixo *-mente*. O adjetivo *real* tem sua origem no latim medieval *realis*, “verdadeiro”, e *res*, “coisa”, apresentando como significado a ideia de uma “coisa verdadeira”, aquilo que, de fato, é ou que, de fato, existe. No português, o sentido do advérbio *realmente* permanece em conformidade com o latim, mas sua função foi expandida para diferentes contextos de uso.

Andrade (2017), em seu artigo intitulado *Funcionalidade do modalizador “realmente” no português brasileiro: de epistêmico a marcador discursivo*, descreve e analisa a funcionalidade do advérbio *realmente* no *corpus* do grupo de estudos Discurso e Gramática – D&G. O autor inicia o seu trabalho afirmando que há uma tendência de se analisar o advérbio *realmente* por meio de aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos, não se levando em consideração os efeitos do seu sentido nem as suas intenções comunicativas. O autor, ainda, apresenta uma revisão do que afirmam vários autores sobre modalização, evidenciando que este conceito baseia-se em aspectos semântico-discursivos, visto que, na enunciação, o usuário deixa marcas que revelam sua intenção comunicativa, ou seja, a modalização representa os propósitos comunicativos do falante em situações reais de uso.

Andrade (2017), nesse sentido aponta as funções que o advérbio *realmente* pode assumir, a saber:

a) modalizador epistêmico factual

(1) [...] e pensava que era um colégio normal como o outro... né?
realmente... é um colégio normal como o outro... [...]

b) modalizador epistêmico hipotético

(2) [...] então agora eu não sei se isso é um refúgio dela... ou se ela
realmente... ela está apaixonada pelo cara... [...]

c) modalizador epistêmico de avaliação subjetiva

(3) [...] o local que eu mais gosto de ficar **realmente** é lá na... na
varanda da minha casa mesmo... [...]

d) modalizador de intensificação adjetival

(4) [...] aí ele tirou o casaco dele ... e colocou nela... mas ela muito
bonita ... ela é muito bonita **realmente** ... né? [...]

e) modalizador discursivo

(5) [...] ele levou ela pro hotel ... o hotel super chique ... e ela toda
realmente assim ... brega mesmo ... né? [...]

O autor conclui o seu trabalho afirmando que o advérbio *realmente* é frequentemente acionado em situações comunicativas em que o enunciador

estabelece um valor de verdade em relação ao que foi dito. Assim, o uso do modalizador nas interações é, majoritariamente, epistêmico.

Já no trabalho intitulado *O advérbio “realmente”: modalidade epistêmica e implicaturas*, Guimarães (2016) destaca que há dois componentes invariantes na definição – dentre tantas variáveis verificadas – do uso de *realmente*, sendo que um componente atesta a verdade com base nos fatos (ex.: *O João realmente deu iogurte para o filho.*), e o outro contrasta essa afirmação com opiniões diferentes sobre a realidade (ex.: [...] *Por exemplo hoje é mais comum a mulher usar, não usar saia, né, vestido. Usa calça. Você reparou isso? / Eh, eu acho que aqui no Rio não há assim um modo de se vestir do carioca, né, porque você vê nessa, nesse, nessa última semana como o tempo variou, né, então não há assim uma maneira definida. Realmente as mulheres usam, ora usam calça, ora estão com vestido, sempre de acordo com, com o clima, né? [...]*). Nesse sentido, o autor trata de cada um desses componentes e apresenta numerosos exemplos com o advérbio *realmente*. Assim, de modo geral, Guimarães (2016) ressalta que o advérbio *realmente* apresenta, preponderantemente, as funções de retomar uma proposição em uma posição anterior àquela do contexto de fala e confirmar/verificar ou negar seu valor de verdade. O autor, ainda, discorre sobre os modalizadores epistêmicos asseverativos e os quase-asseverativos, estabelecendo entre eles uma comparação distintiva e classificando o advérbio *realmente* como um modalizador epistêmico asseverativo de afirmação. Nesse sentido, Guimarães (2016) mostra que o advérbio *realmente* se opõe a todos os modalizadores quase-asseverativos e que, mesmo no grupo dos asseverativos, *realmente* não ocupa a mesma função na frase que outros asseverativos, como acontece com os advérbios *possivelmente*, *certamente*, *necessariamente* e *evidentemente*. Desse modo, o autor conclui seu trabalho considerando que o advérbio *realmente* introduz dois comentários acerca da sentença em que está: i) o valor de verdade da proposição estabelecido como verdade; e ii) o valor de verdade da proposição confirmando ou contradizendo uma expectativa anterior.

Por sua vez, Cunha Lacerda (2012), no trabalho intitulado *A multifuncionalidade do advérbio “realmente” na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções*, tem como objetivo propor os padrões construcionais que são constituídos pelo advérbio *realmente* na língua

portuguesa, delimitando em que medida seus diferentes usos revelam um processo de subjetivação e de expansão semântico-pragmática. Para tanto, a autora adota a perspectiva da gramaticalização de construções, proposta por Traugott (2003, 2009), partindo dos princípios de que a gramaticalização é um processo relacionado ao contexto discursivo-pragmático e de que o surgimento de novos padrões está relacionado ao desenvolvimento de expressões que indicam as crenças e atitudes dos falantes acerca do que dizem. A pesquisa de Cunha Lacerda (2012) considerou a distribuição do advérbio *realmente* na língua portuguesa a partir do século XIII até o momento em que o trabalho foi realizado. Nesse sentido, a autora busca comprovar que o uso do advérbio *realmente* tem se expandido para contextos mais subjetivos nos quais os falantes marcam epistemicamente suas atitudes e crenças, sendo empregado não apenas quando existe uma evidência factual, mas também em situações em que há uma avaliação subjetiva por parte dos falantes. Nesse sentido, foram utilizados, para a pesquisa, três *corpora* distintos, sincrônicos e diacrônicos, para se obter um panorama mais amplo acerca da distribuição do advérbio *realmente* ao longo do tempo. Em sua análise, Cunha Lacerda (2012) apresenta os cinco diferentes padrões em que figura o advérbio *realmente*, a saber:

a) marcador epistêmico factual

(6) ***As escolas normais estão realmente com nível muito baixo, não é/ Não é que os professores sejam [...]***

b) marcador epistêmico de avaliação subjetiva

(7) Acho que é, um esporte brutal, ***eu gosto realmente é do esporte coletivo***, isso aí, voleibol, basquete, e tal, mas o futebol, principalmente.

c) intensificador adjetival epistêmico

(8) [...] a repressão foi violentíssima principalmente no período de sessenta e quatro até setenta e quatro. Foi ***violentíssima realmente***, o ápice talvez tenha sido quando você falou essa tal época da entrevista, [...]

d) marcador epistêmico de hipótese

(9) [...] tem que imaginar muita coisa pra, pra acreditar nisso, ***se é que realmente existe alguém que acredite nisso, né.***

e) marcador discursivo de contraexpectativa

(10) [...] E: esse bichinho foi ***realmente assim a primeira e: primeira [ex] coisa boa que eu tive em relação a criação de animal.***

Todas as ocorrências, no trabalho de Cunha Lacerda (2012), foram devidamente descritas e exemplificadas. De acordo com a autora, o levantamento de dados apontou a predominância de *realmente* como marcador epistêmico de evidência factual, já que os falantes tendem a se basear em evidências factuais para asseverar a verdade, e não no conteúdo da proposição.

Os trabalhos revisados acima contribuem substancialmente para a compreensão de como o falante se posiciona diante do que diz e de como isso é refletido na maneira como se usa a língua. No caso do advérbio *realmente*, pudemos identificar, inicialmente, seu maior uso quando o falante adere à realidade dos fatos, estabelecendo uma relação de verdade entre ele e a proposição, tendo a função de modalizador epistêmico factual. Porém, como a fala é o reflexo do que pensa o falante — não apenas de maneira objetiva e concreta, mas também de maneira subjetiva, revelando seu posicionamento em relação ao dito —, verificou-se uma expansão da função do advérbio *realmente*

em contextos cada vez mais subjetivos.

2.2. O ADVÉRBIO *RÉELLEMENT* / *VRAIMENT* NA LÍNGUA FRANCESA: UMA BREVE REVISÃO

Etimologicamente, o advérbio *réellement* é um advérbio de afirmação na língua francesa e, assim como em português, compreende a junção do adjetivo *réelle* + sufixo *-ment*. Tem sua origem no baixo latim *realis*, relativo ao que é material, “verdadeiro”, e *res*, “coisa”. Assim, “coisa verdadeira”, aquilo que é, que existe, não sendo ficção.

No trabalho de Jean-Jacques Franckel e Denis Paillard, de 2008, intitulado *Mots du Discours: adéquatation et point de vue. L'exemple de réellement, en réalité; en effet, effectivement*³, os autores trabalham com os advérbios *réellement* e *en réalité*, *effectivement* e *en effet*, mostrando que fazem parte de categorias diferentes de advérbios na língua francesa. Nesse sentido, iniciam o trabalho apresentando os três tipos de advérbios existentes, a saber: i) *advérbios clássicos*, que podem ser retomados pela reformulação “de modo que / de maneira que” + adjetivo ou “com” + substantivo (ex.: *attentamente* = *de modo atento ou com atenção*); ii) *advérbios de frase*, que são aqueles que fazem um comentário ou uma avaliação sobre a proposição (ex.: *curiosamente, paradoxalmente, felizmente etc.*); iii) *advérbios de palavras do discurso*, que são aqueles que se inserem no encadeamento do discurso e nas relações interproposicionais (explícitas ou não). Esses podem se subdividir em 2 classes. Aqueles que são exclusivamente palavras do discurso, pois não podem funcionar como advérbios de frase ou advérbios clássicos (ex.: *decididamente, forçadamente* – que não poderiam ser analisados como “de maneira decidida”, “de maneira forçada”. Há aqueles que podem funcionar como advérbio de frase ou palavra do discurso (ex.: *felizmente, francamente, realmente, efetivamente etc.*).

Franckel e Paillard (2008) ainda subdividem as palavras do discurso (*mots du discours*) em dois grupos: i) palavras do discurso ‘*garants*’

³ Tradução para o português: *Palavras do Discurso: adequação e ponto de vista. O exemplo de realmente, na realidade; de fato, efetivamente.*

(engajadas), que são aquelas que conferem a proposição o estatuto de dizer algo sobre o dito. Assim, o advérbio *réellement* mostra que a proposição percebe o dito em termos do que é real (ex.: *Réellement, j'ai souffert* – Realmente, eu sofri). Na frase, o advérbio '*realmente*' não comenta o fato, mas especifica que esse sofrimento é real, revelando que é em nome do real que eu digo que sofri; e ii) palavras do discurso de ponto de vista. Esse tipo de advérbio comenta, trazendo um ponto de vista do dito, corrigindo, confirmando, retificando um ou mais pontos de vista (ex.: *En réalité, j'ai souffert* – Na realidade, eu sofri.). *En réalité* traz, assim, uma avaliação do sujeito sobre a proposição, que pode estar confirmando ou contrariando o dito, conforme o contexto maior da frase.

Os autores ainda trabalham, em seu artigo, com as palavras do discurso classificando-as segundo sua posição – inicial, medial ou final – ou prosódia – com a presença ou não da vírgula – na frase. Seguem, nesse sentido, com a análise das palavras do discurso *réellement* (engajadas) e *en réalité* (ponto de vista), verificando suas posições e prosódias e chegando à conclusão de que, mesmo que os advérbios tenham a mesma base lexical, como *réellement* e *en réalité*, eles possuem uma semântica própria que demarcaria a alteridade. Desse modo, não poderiam ocupar a mesma posição no mesmo contexto, ou seja, não são intercambiáveis, apesar de terem a mesma origem lexical e de serem, aparentemente, sinônimos.

Francis Lapointe, em seu artigo de 2007, intitulado *Analyse sémantique de pas vraiment*⁴, a partir de uma análise semântica do adjetivo *vrai* (verdade), chega a sua forma adverbial *vraiment* e analisa, através de sua pragmaticalização, o marcador de interpretação *pas vraiment*. Seu objetivo central é a descrição semântica da construção *(ne) pas + vraiment* (não verdadeiramente), exemplificada por "*Le pain n'est pas vraiment bon*". (O pão não é verdadeiramente bom ou não é realmente bom, ou ainda, não é tão bom assim.). Dessa forma, Lapointe (2007) afirma que o exemplo acima pode ser o resultado de duas estruturas semânticas diferentes e que, por consequência, pode ser interpretado de duas maneiras diferentes. Para tanto, apresenta os diferentes sentidos do adjetivo *vrai*, a saber: i) *vrai* de sentido primitivo, que serve para situar alguma coisa com relação à verdade. Algo é verdadeiro,

⁴ Tradução para o português: *Análise semântica de pas vraiment (não verdadeiramente)*.

portanto não é falso. É o sentido de base da palavra (ex.: *C'est vrai ce qu'il dit* – o É verdade o que ele diz – ou *Est-ce son vrai âge?* – É sua idade verdadeira?); ii) *vrai*, que caracteriza um conceito como sendo verdadeiro em oposição ao seu estado imperfeito ou incompleto, indicando aquilo que é verdadeiro em comparação a um modelo pré-estabelecido (ex.: *C'est une vraie femme* – É uma mulher de verdade.). Neste caso, o falante considera que a mulher de quem fala tem as características necessárias, segundo sua opinião, para que uma mulher seja, de fato, uma mulher; e iii) *vrai* metafórico (ex.: *C'est une vraie femme* – falando de um homem). Por sua vez, neste exemplo, o homem não é apresentado literalmente como uma mulher, mas sim como alguém que apresenta fortes características de uma mulher.

A partir dos sentidos múltiplos que o adjetivo pode assumir, o advérbio, dele derivado, também poderá assumir vários sentidos. Assim, o advérbio *vraiment* pode ter o sentido de confirmar a veracidade de uma proposição, como em “*Ce tableau est vraiment un Picasso*” (Este quadro é verdadeiramente um Picasso) ou pode assumir um valor de intensificador, como em “*Il fait vraiment trop froid ici*” (Faz realmente muito frio aqui). Nesse sentido, o autor realiza a análise da construção *(ne) pas + vraiment*, que assume outro sentido, o de eufemizar a proposição, como em “*Le pain n'est pas vraiment bon*” (O pão não é bom de verdade ou o pão não é realmente bom), evitando que a frase seja muito ofensiva. Para finalizar, Lapointe (2007) conclui que temos diferentes adjetivos dos quais derivam diferentes advérbios com sentidos e usos distintos, segundo o contexto e a intenção do falante e que, nesse caso, as análises empregadas, em seu trabalho, podem se estender para outros advérbios.

No trabalho de Bronislava Longová, de 2011, intitulado *Les adverbes en –ment, leurs fonctions syntatiques et leurs équivalentes tchèques*⁵, a autora objetiva descrever como foi realizada a tradução, relativa à função sintática na frase, dos advérbios terminados em *–ment* do francês para a língua tcheca e como tais advérbios foram retraduzidos para o francês.

Em um primeiro momento, Longová (2011) traz uma extensa explicação sobre os advérbios na língua francesa, abordando sua tipologia, sua origem,

⁵ Tradução para o português: *Os advérbios em –mente, suas funções sintáticas e seus equivalentes tchecos.*

sua formação, suas funções e as posições que podem assumir em uma frase. A autora realiza, também, uma classificação dos advérbios segundo o plano morfológico e o plano sintático, além de trazer um resumo comparativo de definições e opiniões de vários linguístas franceses sobre os advérbios, mostrando o quão variada é essa classe e suas funções, apesar da invariabilidade de cada advérbio em si.

Já em um segundo momento, trata mais especificamente da morfologia, das construções sintáticas e da interpretação semântica dos advérbios terminados em *-ment*.

Em um terceiro momento, Longová (2011) apresenta o *corpus* usado para a pesquisa, o *InterCorp*, que constitui um vasto banco de dados formado por *corpora* paralelos sincrônicos da maioria das línguas que são ensinadas nas faculdades de Letras da República Tcheca, contendo textos literários e artigos publicitários na língua tcheca e em línguas estrangeiras.

Em seguida, em um quarto momento, a autora descreve os processos de análise adotados, informando traços gerais das duas línguas para que se possa observar melhor seus funcionamentos de maneira individual, já que são línguas tipologicamente diferentes.

Finalmente, a autora passa à análise dos dados obtidos, observando os equivalentes tchecos dos advérbios franceses terminados em *-ment* e suas posições na frase, descrevendo como certos advérbios modificam suas relações sintáticas e suas interpretações conforme sua posição na frase. Nesse momento, a autora aborda o advérbio *vraiment* – o qual nos interessa neste trabalho –, evidenciando suas características sintáticas e semânticas na frase e verificando para qual ‘equivalente’ em tcheco foi traduzido. Levando em consideração os múltiplos sentidos que o advérbio *vraiment* pode assumir no francês, foram encontradas oito palavras diferentes em tcheco para as quais o *vraiment* pode ser traduzido. Para a análise em sentido inverso, da língua tcheca para a língua francesa, a autora analisou a palavra mais frequente nas traduções para o tcheco (*opravdu*) e retraduziu para o francês. Observou, nesse sentido, também, uma variedade de palavras nas retraduições – o que ocorreu igualmente com os outros advérbios analisados no trabalho – e evidenciou que *opravdu* foi retraduzido como *en vérité*, *réellement*, *vrai* e *vraiment*. Longová (2011), desse modo, conclui seu trabalho considerando que

houve a tentativa de descrever as traduções dos advérbios franceses terminados em *-ment* para a língua tcheca, levando em consideração sua função sintática na frase sem julgar se a tradução seria ou não a mais correta. Em geral, a função sintática do advérbio na frase não influenciou a tradução, sendo que o tradutor teve acesso a mais de um equivalente em tcheco do advérbio francês. A autora acrescenta ainda que as traduções foram muito influenciadas pelas diferenças entre as duas línguas e que o primordial foi o valor semântico que o advérbio apresentou em cada contexto.

2.3. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Em relação ao que caracteriza o aporte teórico de cada um dos trabalhos apresentados acima – cada um à sua maneira –, destacamos que todos trazem contribuições importantes e substanciais para o tratamento dos advérbios *realmente*, em português, e *réellement / vraiment*, em francês. Entretanto, nenhum dos trabalhos apresentados fundamenta sua análise a partir dos pressupostos teóricos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – e, de modo mais específico, propostos por Traugott e Trousdale (2013). Desse modo, este trabalho visa justamente ao tratamento do advérbio *realmente* no processo tradutório a partir desse aporte teórico, constituindo, como acreditamos, uma contribuição para o estudo dos advérbios que envolvem as línguas portuguesa e francesa no processo tradutório.

Como consideramos, o trabalho de Cunha Lacerda (2012) é o que mais se aproxima, do ponto de vista teórico, deste trabalho. Assim, assumiremos, mais adiante, no capítulo dedicado à análise, a categorização que a autora propõe ao tratar das diferentes construções com o advérbio *realmente* na língua portuguesa.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, dedicamo-nos à análise das ocorrências do advérbio *realmente* na língua portuguesa na obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, e de suas respectivas traduções para a língua francesa, realizadas por Jacques Thiériot, na obra intitulada *Vive le peuple brésilien*.

Como objetivo mais amplo, almejamos refletir acerca da importância de se assumir a abordagem construcional na tradução, a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, no que tange, particularmente, às proposições de Traugott e Trousdale (2013). Assim, nossos objetivos mais específicos são: i) analisar a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa, descrevendo as escolhas tradutórias e verificando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais das construções identificadas; ii) salientar a relevância de o tradutor ter consciência de que a unidade básica da língua é a construção; iii) trazer contribuições para a tradução do advérbio *realmente* por meio das análises realizadas.

Quanto ao percurso analítico, este capítulo organiza-se da seguinte forma: na seção 3.1, descrevemos o *corpus* de pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados; na seção 3.2, apresentamos os procedimentos analíticos das traduções; na seção 3.3, apresentamos as análises bem como sugestões alternativas para os casos oportunos; e, por fim, na seção 3.4, encaminhamos as conclusões a partir das evidências apresentadas na análise.

3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* utilizado, neste trabalho, é a obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, e sua respectiva tradução para a língua francesa. A obra constitui um romance histórico, publicado em 1984, tendo como tema central a construção da identidade do povo brasileiro. A narrativa percorre quatro séculos, indo de 1647 a 1977 – da chegada dos holandeses à Bahia, no século XVII, até a década de 70 do século XX – com fatos representados

ficcionalmente e com uma distribuição irregular, passando por acontecimentos marcantes da nossa história, que consolidaram o povo brasileiro. A tradução para o francês teve sua primeira edição publicada em 1989 e, para este trabalho, utilizamos a tradução de Jacques Thiériot, publicada em 1999.

Para a realização da análise, tomamos como base o método qualitativo, pois a análise descritiva e interpretativa das ocorrências do advérbio *realmente* é aquilo que, de fato, nos interessa para cumprirmos os objetivos propostos pela pesquisa. Segundo Bryman (1998 *apud* CUNHA LACERDA, 2016, p. 86), “[...] a metodologia qualitativa busca uma descrição detalhada do objeto investigado a partir do contexto em que é instanciado”.

Assim, com base no *corpus* selecionado, mapeamos todas as ocorrências do advérbio *realmente* contidas na obra original e em sua tradução, com o intuito de averiguar a tradução realizada.

Quanto ao percurso analítico, foram extraídas 20 ocorrências do advérbio *realmente* no português e no francês, sendo a primeira ocorrência de cada capítulo. Em seguida, conferimos às ocorrências identificadas o mesmo tratamento de Cunha Lacerda (2012) quanto à categorização do advérbio *realmente*, com o objetivo de identificar a função exercida pelo advérbio na frase em contexto. A partir disso, apresentamos os excertos em quadros, contendo o original em português e sua tradução em francês. Nesse sentido, realizamos a análise acerca da função do advérbio *realmente* de cada excerto apresentado em português, verificando se, na tradução em francês, houve, ou não, alteração da função do advérbio.

3.2. PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Como dito anteriormente, nesta seção, nos dedicamos às análises dos excertos do texto original contendo o advérbio *realmente* e suas traduções para o francês. Reiteramos que, de maneira abrangente, nosso objetivo é refletir sobre a importância de se assumir a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso, no que tange aos pressupostos de Traugott e Trousdale (2013).

Com o intuito de oferecer as informações necessárias para a descrição das análises do advérbio *realmente* presente na obra original, e em sua

tradução, adotamos o percurso analítico apresentado a seguir: a) descrevemos, para cada ocorrência que apresenta o advérbio *realmente*, o polo da função e o polo da forma em português, segundo Cunha Lacerda (2012); b) apresentamos a transcrição do excerto analisado, em ambos os idiomas, contextualizando a situação comunicativa da qual faz parte; c) analisamos a tradução do excerto para o francês, atentando-nos aos aspectos formais e funcionais das construções identificadas; e, d) realizamos uma sugestão alternativa de tradução para os casos que, a nosso ver, não preconizam a noção de construção assumida neste trabalho.

Assim, cada ocorrência é categorizada, de acordo com Cunha Lacerda (2012), e apresentada em um quadro, seguida de sua análise em português e da respectiva análise da tradução em francês. Para facilitar a leitura e a interpretação das ocorrências apresentadas nos quadros, o advérbio *realmente* investigado recebe destaque em negrito tanto no original como na sua tradução.

3.3. ANÁLISE

A seguir, apresentamos as 20 ocorrências extraídas da obra *Viva o povo brasileiro* e suas respectivas traduções para o francês. Nesse sentido, como mencionamos na seção anterior, analisaremos a escolha tradutória a partir dos polos da forma e da função apresentados em cada excerto, averiguando se a opção utilizada na tradução contempla os propósitos comunicativos do texto fonte.

Quadro 1 – Representação da ocorrência 1 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(1)	É certamente com a imaginação vazia que aqui desfruta desta viração anterior à morte, pois não viveu o bastante para realmente imaginar, como até hoje fazem os muito idosos em sua terra, todos demasiado velhos para querer experimentar o que lá seja, e então deliram de cócoras com seus cachimbos de três palmos, rodeados pelo fascínio dos mais novos e mentindo estupendamente.	C'est à coup sûr l'imagination vide qu'il goûte ce souffle marin avant-coureur de la mort, car il n'a pas assez vécu pour réellement imaginer, comme aujourd'hui encore le font les vieux de la vieille de son pays, tous trop âgés pour vouloir expérimenter quoi que ce soit et qui donc, à croupetons, extravagants, leurs pipes de trois empan à la bouche, au milieu du cercle fasciné des jeunots qui les écoutent débiter d'époustouflantes hâbleries.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

Na obra analisada, a primeira ocorrência de *realmente* se situa logo no início do primeiro capítulo, anunciando a eminente morte, pelos portugueses, do alferes José Francisco Brandão Galvão, ainda jovem e sem ter antes gozado dos prazeres da vida, à costa da baía de Todos os Santos em 1822.

Conforme discutido no Capítulo II, segundo Cunha Lacerda (2012), podemos classificar o advérbio *realmente* contido nesse excerto como sendo um marcador epistêmico factual, pois tem um escopo sentencial, na medida em que o falante expressa seu julgamento a respeito da situação com base no seu conhecimento da realidade. Dessa forma, o advérbio tem a função de asseverar a realidade acerca do que está sendo dito mediante uma evidência factual, baseada na realidade que o falante experimenta.

Jacques Thiériot, ao realizar sua tradução do excerto, manteve o advérbio *réellement* em francês. Segundo D'Hondt (2018), em seu artigo *Vraiment et réellement en contraste*⁶, o advérbio *réellement* tem um sentido mais concreto e objetivo, ligado ao campo semântico da realidade, sendo um advérbio mais presente em contextos que têm forte referência na realidade.

⁶ Tradução para o português: *Verdadeiramente e realmente em contraste*.

Conforme Frankel e Paillard (2008), o fato de o advérbio *réellement* estar localizado antes da construção verbal o coloca não como um mero comentário, mas como uma parte integrante da construção de valor referencial, indicando o estado de coisas em questão.

Assim, ao analisarmos o advérbio *realmente* no original e em sua tradução, no excerto em questão, percebemos que o tradutor contemplou tanto os aspectos formais quanto os aspectos funcionais da construção, permitindo que os leitores da tradução possam ter acesso ao mesmo sentido preconizado em seu original.

Quadro 2 – Representação da ocorrência 2 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(2)	E realmente ela descobriu um jeito, porque, depois que o caboco quebrou os dois dedos do holandês e lhe botou a argola no nariz, ele não conseguia mais empurrá-la e espernear assim que ela se agarrava às suas bragas, puxando-as para baixo.	Et effectivement , elle découvrit comment s'y prendre, voici pourquoi et comment: une fois que le caboco eut cassé deux doigt du Hollandais et lui eut enfilé son anneau dans le nez, le malheureux ne parvint plus à la repousser ni à gigoter chaque fois qu'elle s'accrochait à ses chausses pour les faire descendre.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima se localiza quase no final do capítulo 2 da obra. Os personagens Caboco, sua filha Vu e o holandês estão em um tipo de festa. Caboco mata um animal para comerem e olha sua filha, que fita desejosa o holandês que não está dançando e parece não se interessar por Vu. Mas o pai sabia que a filha, com a personalidade que tinha, encontraria uma maneira de fazer o holandês se interessar por ela.

Conforme a categorização de Cunha Lacerda (2012), o advérbio *realmente*, presente no excerto acima, se enquadra na categoria de marcador

epistêmico factual, pois, dentro do contexto dado, o personagem de Caboco se apoia em fatos baseados da realidade, conhecidos por ele sobre a filha, para afirmar que, de fato, ela havia encontrado uma maneira de conseguir o que queria. Já na tradução para o francês, foi utilizado o advérbio *effectivement* (efetivamente, de fato) que, segundo o dicionário francês, seria um sinônimo de *réellement*, servindo para confirmar uma afirmação. Segundo Frankel e Paillard (2008), *effectivement* constitui o dito como efetivo, ou seja, que se tornou manifesto pelo sujeito. E ainda, usado com a vírgula, *effectivement* representa a confirmação do dito, sendo admitido como manifesto na realidade. Dessa forma, acreditamos que, ao escolher o advérbio *effectivement*, o tradutor conseguiu perceber a função do advérbio *realmente* no original. Vendo que o advérbio *réellement* não cumpriria totalmente a função, optou por *effectivement* trazendo para o campo semântico do advérbio o caráter de manifestação do que havia como realidade no contexto.

Quadro 3 – Representação da ocorrência 3 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(3)	Ambrósio não soube o que falar, não tinha realmente desejo de conversar e não lhe ocorria coisa alguma.	Ambrosio ne sut que dire, il n'avait pas vraiment envie de parler et aucune phrase ne lui venait à l'esprit.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No capítulo 3 da obra, a ocorrência de *realmente* aparece em um contexto em que o personagem Ambrósio, marido de Antônia Vitória, filha de um grande comerciante da cidade, com quem se casara apenas pelo status social, está em uma embarcação de travessia até uma ilha. Naquele dia, Ambrósio não estava disposto a sair de casa, tampouco estar naquele barco com todas aquelas pessoas, com todo aquele barulho. O personagem se sente entediado por ser obrigado a fazer o que sua esposa queria e, por isso, não está disposto a conversar.

O advérbio *realmente*, no excerto acima, representa o julgamento do personagem a respeito da situação em que se encontra. Assim, segundo Cunha Lacerda (2012), podemos categorizá-lo como marcador epistêmico factual, por asseverar a realidade do personagem naquele momento. Talvez aqui o advérbio *realmente* tenha ampliado seu sentido, pois assevera uma realidade pessoal, pois era ele, Ambrósio, que não tinha realmente vontade de falar coisa alguma. Esse caráter mais subjetivo foi percebido pelo tradutor, já que, para o mesmo excerto em francês, Jacques Thiériot escolheu o advérbio *vraiment*. Tal advérbio pode ser visto como sinônimo de *réellement*, mas, diferente desse, é usado com caráter mais subjetivo e avaliativo na língua francesa, segundo pesquisas de Ulrique D'Hondt, relatadas em seu artigo *Vraiment et Réellement en contraste*, de 2018. D'Hondt (2018) afirma que o advérbio *vraiment* é mais polissêmico desde sua origem, estando mais apto a assumir funções variadas, sendo uma delas a de intensificar, positiva ou negativamente, uma operação subjetiva. Para o autor, *réellement* insiste sobre a realidade por oposição à aparência, enquanto *vraiment* assume uma gradação, podendo ser substituído por *très* (muito) em francês. Dessa forma, vemos que, também em português, no dado excerto, poderíamos substituir o advérbio *realmente* pelo advérbio *muito* sem haver perda do sentido pretendido pelo autor. Assim, o tradutor conseguiu, com a mudança de advérbio, contemplar tanto a forma quanto a função que o advérbio *realmente* desempenhou no excerto em português.

Quadro 4 – Representação da ocorrência 4 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(4)	Como realmente se deu logo depois e Turíbio só gemeu, na hora em que lhe baixaram o bacalhau, para evitar que chibateassem mais, estava um pouco cansado.	C'est effectivement ce qui arriva vite fait et Turibio ne geignit qu'au moment où la cravache le cingla, qu'on arrête de le fouetter, il se sentait un peu fatigué.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima foi retirado do capítulo 4 da obra analisada, *Viva o povo brasileiro*. A cena se passa logo quando Dadinha vê seu filho chegando da pescaria sem o peixe, pois o tinha dado a outra pessoa sem o consentimento de Nhô Felisberto. Dadinha já sabia o que aconteceria, mas não disse nada; apenas imaginou que viria alguém a mando de Nhô Felisberto, o que acontecia sempre, para punir Turíbio, não permitindo o mau exemplo. Assim, vemos que, novamente, estamos diante de um marcador epistêmico factual, nos termos de Cunha Lacerda (2012), pois a realidade dos fatos é asseverada com base no conhecimento da realidade que a personagem possui — aquele tipo de punição sempre acontecia. O excerto foi traduzido para o francês como *effectivement*, que, como vimos no quadro 2 desta análise, segundo Frankel e Paillard (2008), constitui o dito como efetivo, ou seja, indica a realidade conhecida que se torna manifesta. Assim sendo, ao escolher traduzir o advérbio *realmente* do português para *effectivement* em francês, o tradutor assegura que a função do advérbio em português seja mantida, já que, em português, mediante o contexto, percebemos que temos a confirmação da realidade a partir da manifestação dos acontecimentos que se seguiram.

Quadro 5 – Representação da ocorrência 5 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(5)	Então não eram realmente os mesmos, esses negros, não tinham as mesmas caras galhofeiras que exibiram na festa, não pertenciam a ninguém, como lá sempre pertenceriam.	Ce n'étaient donc plus vraiment les mêmes, ces Noirs, ils n'avaient plus ces visages rigolards qu'ils montraient durant la fête, ils n'appartenaient à personne, alors que là-bas ils étaient esclaves à jamais.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

Na quinta ocorrência de nossa análise, o advérbio *realmente* aparece em um contexto em que houve uma festa de capoeira dos negros, e esses dançavam, rodopiavam, riam e se divertiam na presença dos seus, até que o

Barão enviou Nicodemo, seu capataz, para dizer aos negros que parassem com a festa, que logo se dissipou em pequenos grupos aqui e ali. O excerto faz uma comparação entre os negros em momentos anteriores, que dançavam e se divertiam, com aqueles mesmos negros que, agora, estavam distribuídos em pequenos grupos cabisbaixos.

O advérbio *realmente*, no excerto em questão, constata a veracidade da realidade, expressando um julgamento dos falantes a respeito do grau de verdade da proposição com base na realidade conhecida. Segundo Cunha Lacerda (2012), categorizamos o advérbio *realmente*, neste excerto, como marcador epistêmico factual, já que assevera que os negros não eram mais os mesmos de outrora. Na tradução, em vez de *réellement*, com caráter mais objetivo e concreto da realidade, foi utilizado o advérbio *vraiment*. Muito provavelmente, o tradutor fez essa opção por se tratar sim de uma evidência factual, porém com uma carga mais subjetiva, levando mais em consideração o julgamento do falante em comparar os mesmos negros em momentos diferentes, posto que eram, de fato, as mesmas pessoas que, agora, aparentavam serem outras. A escolha do tradutor pode ser respaldada por D'Hondt (2018), quando afirma que o advérbio *vraiment* aparece em contextos mais subjetivos e avaliativos. Além disso, como destaca Longová (2011), o advérbio *vraiment* tem o caráter incontestável de uma avaliação, de um julgamento de valor. Assim sendo, mais uma vez, apesar da alteração de vocábulo, a tradução contempla tanto o polo da forma como o polo da função, permitindo ao leitor da tradução acesso à intenção do autor do original.

Quadro 6 – Representação da ocorrência 6 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(6)	Primeiro, fazia um círculo pela sala, rente às paredes e armários, uma espécie de inspeção ritual em que realmente não via nada, embora se detivesse aqui e ali, passasse a mão num ou noutro pacote de papéis amarrados com barbante, cheirasse um par de vezes o tinteiro grande como quem tira a tampa de uma panela para sentir o aroma da comida.	D'abord il faisait le tour de la pièce en rasant murs et armoires, une sorte d'inspection rituelle au cours de laquelle il ne voyait * rien bien qu'il s'arrêtât ici et là, passât la main sur tel ou tel paquet de paperasses ficelées et flairât une paire de fois le grand encrier comme qui soulève le couvercle d'une casserole pour humer le fumet de la nourriture.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima, retirado do sexto capítulo da obra, conta sobre Amleto, um homem metódico, que sempre chegava ao trabalho com meia hora de antecedência e fazia questão de aguardar a hora exata para, então, colocar a chave na porta e destrancar a fechadura. Diariamente fazia a inspeção de seu escritório de maneira meticulosa e nada encontrava, mesmo verificando tudo muito bem. O advérbio *realmente* usado no excerto tem a função de mostrar ao leitor que, mesmo não encontrando nada, Amleto sempre inspecionava procurando por algo. Novamente estamos diante de um marcador epistêmico factual (CUNHA LACERDA, 2012), que toma como referência o real, asseverando a verdade dos fatos.

Na tradução para o francês, o termo sofre um apagamento por parte do tradutor, o que pode ter sido motivado pelos detalhes e minúcias da busca de Amleto, que procurava em todos os lugares detidamente. É possível que, na opinião do tradutor, o advérbio *realmente* fosse desnecessário na sentença traduzida, posto que, se alguém procura algo em vários lugares, é porque, de fato, não o encontrou. Porém, a nosso ver, caberia a utilização do termo *réellement*, já que tal advérbio em francês tem caráter objetivo e concreto,

segundo D’Hondt (2018), insistindo sobre a realidade. Nesse caso, o excerto poderia ser escrito da seguinte forma: “*D’abord il faisait le tour de la pièce en rasant murs et armoires, une sorte d’inspection rituelle au cours de laquelle il ne voyait réellement rien bien qu’il s’arrêtât ici et là, passât la main sur tel ou tel paquet [...]”.*

Quadro 7 – Representação da ocorrência 7 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(7)	E logo soube, por um dos negros que ouviu a história de Feliciano na capoeira, como tinha realmente morrido seu filho.	Et très vite il avait appris, par un des Noirs qui avaient entendu l’histoire de Feliciano dans la clarière, comment son fils était mort en réalité .

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

Do capítulo 7 extraímos mais uma ocorrência do advérbio *realmente* e, conforme a categorização de Cunha Lacerda (2012), podemos classificá-lo como marcador epistêmico factual, pois nos conta sobre a realidade dos fatos, dos acontecimentos. Na obra, o personagem Julio Dandão era pai de Inocência, escravo do Barão, e fora vendido para outra fazenda. Julio Dandão, depois da venda de Inocência, não pôde mais vê-lo, mas tinha notícias dele e economizava dinheiro para comprar a alforria do filho. Um dia, soube que o filho tinha morrido em uma guerra; guerra que não era dele, guerra entre fazendeiros inimigos. Julio Dandão caíra em tristeza, pois não tinha muita informação de como tinha morrido seu filho. Através de um dos negros, que lhe contou a história, ficou sabendo como seu filho tinha realmente morrido; soube a história real, a história verdadeira do acontecimento.

Para a tradução, novamente Thiériot escolhe outro advérbio que não *réellement*. Para tentar contemplar o real sentido do advérbio em português, o tradutor escolheu o termo *en réalité*, que, em português, podemos entender como *na realidade, na verdade*. Percebemos que o advérbio em português,

devido ao contexto, tem uma função mais ampla do que apenas asseverar a realidade dos fatos, sutileza essa percebida pelo tradutor, o que talvez tenha motivado a sua escolha. Segundo Frankel e Paillard (2008), a locução adverbial *en réalité* corresponde a um ponto de vista mais afinado, mais preciso acerca do dito anteriormente sobre a realidade dos fatos. A afirmação dos autores nos permite compreender a mudança de vocábulo feita pelo tradutor, pois, em francês, o termo *réellement* não contemplaria a função de *realmente* no contexto em questão. No excerto, o personagem soube os detalhes da morte do filho; ele soube, de fato, como o filho tinha morrido, informação essa mantida através da escolha da locução adverbial *en réalité* utilizada pelo tradutor.

Quadro 8 – Representação da ocorrência 8 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(8)	Ela herdara do pai, realmente , mas os negócios dele já de muito vinham sendo prejudicados não só pela doença como pelos grupos de mata-marotos, pelos radicais que chegavam mesmo a atacar corporalmente os portugueses e a depredar-lhes as propriedades.	Elle avait hérité des biens de son père, c'est vrai , mais les affaires dudit depuis longtemps déjà étaient mal en point, non seulement à cause de sa maladie mais aussi des commandos d'extrémistes qui allaient jusqu'à attaquer corporellement les Portugais et à ravager leurs propriétés.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No oitavo capítulo, o contexto do excerto em que se encontra o advérbio *realmente* é a fala de um ex-funcionário do Barão, que, conversando consigo mesmo, vai contando como enriquecera desviando a fortuna do patrão. O personagem hesita entre autoconfessar seus crimes e amenizá-los, justificando-se pelo fato de ter trabalhado muito e dado o “sangue e suor” para a riqueza do Barão. Ele comenta a situação atual da baronesa, filha do Barão e, conversando consigo, opina sobre a própria fala. Nesse contexto, o advérbio

realmente pode ser classificado como um marcador epistêmico factual, segundo Cunha Lacerda (2012), por estar asseverando a condição real de herdeira da baronesa, mas, ao mesmo tempo, como o personagem opina sobre o que fala, podemos perceber, no advérbio, uma confirmação pessoal do que diz, um comentário que faz para si mesmo se baseando no seu conhecimento da realidade. Talvez esse caráter de confirmação pessoal sobre o dito tenha influenciado o tradutor da obra para o francês escolher o termo *c'est vrai* (é verdade), bem mais informal do que os advérbios *réellement* ou *vraiment*, dando à tradução o mesmo tom presente no original e contemplando, assim, tanto a forma quanto a função exercida pelo advérbio *realmente* no contexto em português.

Quadro 9 – Representação da ocorrência 9 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(9)	Aquelas gaivotas de bicos abertos não estariam realmente atitando tão alto que se escutava na sala?	Ces mouettes avec leurs becs ouverts ne piaillaient-elles pas réellement aussi fort qu'on les entendait dans le salon?

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O capítulo 9, que se passa no ano de 1940, inicia-se fazendo uma rápida digressão ao ano de 1822, ao episódio inicial da obra em que temos o alferes Brandão Galvão aguardando a chegada dos portugueses, que iriam atirar e matá-lo, assim que chegassem à costa brasileira. A personagem em questão é Dafé, ainda criança, que está na escola e assiste a professora limpar o quadro que retrata a morte do alferes Brandão Galvão. A menina fixa o olhar naquela cena, que começa a esfumar-se, e seu pensamento vagueia, imaginando o acontecimento na época. Ela fica tão envolvida com suas imaginações que se pergunta se não estaria ouvindo aquelas gaivotas ali, na sala de aula. Diante do questionamento hipotético que a personagem faz a si mesma, podemos categorizar o advérbio *realmente*, no contexto, como um marcador epistêmico

de hipótese (CUNHA LACERDA, 2012), visto que relativiza a realidade, além de estar acompanhado de um verbo no futuro do pretérito.

Na tradução para o francês, a escolha realizada por Jacques Thiériot foi o advérbio *réellement*. Retomando D'Hondt (2018), segundo o qual o advérbio *réellement* insiste sobre a realidade dos fatos, poderíamos entender a escolha como sendo intensificadora da realidade que a menina pensa estar vivenciando. Desse ponto de vista, podemos dizer que o tradutor contemplou não apenas a forma do advérbio *realmente* em português, mas também a função por ele exercida no contexto da realidade hipotética criada pela personagem.

Quadro 10 – Representação da ocorrência 10 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(10)	Tolice, tolice, realmente , não havia o que não estivesse a seu alcance, tinha de assumir de uma vez por todas a condição de tranquilidade e firmeza que aparentava para os outros.	C'était stupide, vraiment stupide, vraiment il n'y avait rien qui ne fût à sa portée, il devait assumer une fois pour toutes cet air de tranquillité et de fermeté qu'il arborait pour les autres.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima, retirado do capítulo 10, é uma fala de Amleto, o homem metódico que fazia questão de tudo inspecionar. Agora, já tendo feito fortuna, se encontra em seu escritório, pensando no capital da Casa Bancária e na alegria e tranquilidade que aquilo lhe trazia. Porém, era um homem acostumado à incerteza e à insegurança e tudo o preocupava, mesmo agora quando não havia mais razão para temer. Então, ao se sentir inseguro, afirma para si mesmo que era tolice pensar daquela maneira, pois tudo estava ao seu alcance agora, por ser rico. O advérbio *realmente*, presente no excerto, tem escopo sobre toda a sentença, e o personagem emite sua opinião sobre o que sente, se baseando nas evidências dos fatos da realidade que experimenta. Dessa forma, podemos categorizá-lo como um marcador epistêmico factual,

conforme Cunha Lacerda (2012). Na tradução em francês, o advérbio escolhido foi *vraiment*, de caráter mais avaliativo e subjetivo que *réellement*, o que contempla a função do advérbio *realmente* no texto original. Chama a atenção o fato de o tradutor ter utilizado duas vezes o advérbio em francês, o que não ocorre no excerto original. Acreditamos que o recurso tenha sido utilizado pois, em português, o advérbio *realmente* tem escopo sobre toda a sentença, recaindo sobre o fato de ser tolice pensar daquela forma e, também, sobre o fato de não haver o que não estivesse a seu alcance. Em francês, se o advérbio *vraiment* estivesse na mesma posição do advérbio em português, seu escopo seria apenas a frase “*il n’y avait rien qui ne fût à sa portée*”, não modificando o adjetivo “*stupide*”. Assim, nos parece que a repetição do advérbio *vraiment* foi a maneira encontrada pelo tradutor para manter, em francês, a função que o advérbio *realmente* exerceu no texto original.

Quadro 11 – Representação da ocorrência 11 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(11)	O cabo acreditava que aquele seu preto fugido sabia realmente de coisas importantes?	Le caporal croyait-il que ce nègre marron savait réellement des choses importantes?

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O contexto do excerto acima, que se encontra no capítulo 11 da obra, é uma espécie de interrogatório do negro Budião. Há anos, havia fugido, na guerra da Farroupilha, depois de levar como prisioneiro o comandante Bento Gonçalves a pedido de seu dono, o capitão Teófilo. Na cena em questão, Budião estava preso e era interrogado pelo cabo Lourenço Frota, na presença do capitão Teófilo. Budião, meio desacordado e em alucinação, ao ver seu dono, o reconhece e começa a falar da guerra. O cabo Lourenço fica desconfiado, imaginando que o negro poderia saber algo importante do fato ocorrido há 8 anos, e o capitão Teófilo se pergunta se o cabo acreditava que o negro teria, de fato, informações importantes.

Segundo a categorização de Cunha Lacerda (2012), podemos classificar o advérbio *realmente*, neste caso, como marcador epistêmico factual, pois, ao se questionar, o capitão Teófilo leva em consideração a desconfiança do cabo Lourenço sobre as informações que Budião teria. Assim, ele está se baseando na realidade dos fatos, no momento de sua fala. Em francês, o autor da tradução utilizou o advérbio *réellement*, que, segundo D’Hondt (2018), insiste sobre a realidade dos fatos. Dessa forma, percebemos que o tradutor contemplou tanto a forma quanto a função exercida pelo advérbio *realmente* no contexto em português.

Quadro 12 – Representação da ocorrência 12 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(12)	— Eu ouvi. Estava duvidando de que sejamos realmente um Exército. Isto não fica bem para um oficial, tenente, não fica nada bem.	— Je vous ai entendu. Vous doutiez que nous soyons réellement une Armée. Ce n’est pas convenable pour un officier, lieutenant, ce n’est pas convenable de tout.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No capítulo 12, temos o tenente Patrício Macário em sua barcaça, uma expedição de captura do bando de Maria da Fé, chegando à Ponta da Baleia. O tenente olha desanimado para a tropa de homens maltrapilhos e mal armados de quem era superior e duvida que aqueles homens possam formar um exército. Porém, ele expressa seu pensamento em voz alta e é ouvido pelo capitão da embarcação, que o repreende. Nesse contexto, o advérbio *realmente* assevera a realidade observável a partir dos fatos que vivencia o falante, podendo ser classificado, segundo Cunha Lacerda (2012), como um marcador epistêmico factual, na medida em que expressa o julgamento do falante acerca da situação. Em francês, o tradutor manteve o sentido mais concreto da realidade, fazendo a escolha pelo advérbio *réellement*, que, segundo D’Hondt (2018), em seu artigo *Vraiment et réellement en contraste*, tem um sentido mais próximo ao campo semântico da realidade concreta dos

fatos, contemplando a forma e a função exercidas pelo advérbio *realmente* no texto original.

Quadro 13 – Representação da ocorrência 13 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(13)	<p>Como era mesmo que começava o discurso? E a parte referente à guerra não estaria um pouco fraca? E haveria realmente batalhas em andamento? Reagira o Brasil ao aprisionamento criminoso do <i>Marquês de Olinda</i>? Estaria <u>de fato</u> a Nação em guerra? Tantos boatos, tantos rumores, que haveria de verdade neles?</p>	<p>Au fait, comment commençait son discours? La partie concernant la guerre n'était-elle pas un peu faible? Le Brésil avait-il réagi au séquestre criminel du navire <i>Marques de Olinda</i>? La nation était-elle <u>effectivement</u> en guerre? Tant de bruits, tant de rumeurs couraient, quelle était leur part de vérité?</p>

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No capítulo 13 da obra, encontramos o personagem João Popó, rico comerciante da região, dono de praticamente todos os comércios da Vila de Itaparica e de cidades vizinhas, preparando seu discurso para uma festa local. O personagem anda de um lado para o outro, tentando se lembrar das partes do discurso que irá proferir. O advérbio *realmente* destacado no excerto pode ser classificado, segundo Cunha Lacerda (2012), como um marcador epistêmico de hipótese, sendo um modalizador asseverativo relativo, indicando o que o falante crê, ou não, ser possível com relação à realidade. No caso do excerto analisado, a presença do verbo *haver* no futuro de pretérito, acompanhando o advérbio *realmente*, suscita a dúvida sobre a realidade e descompromete o falante com a verdade do dito.

Na tradução para o francês, na coluna ao lado, percebemos que houve o apagamento da sentença que continha o advérbio *realmente*. Supomos que a escolha do tradutor pelo apagamento foi motivada pela presença de duas

frases de sentidos semelhantes: “E haveria **realmente** batalhas em andamento?” e “Estaria **de fato** a Nação em guerra?”, contendo, respectivamente, o advérbio *realmente* e a locução adverbial *de fato*. No excerto, poderíamos dizer que ambas as frases desempenham a mesma função, pois também a locução *de fato*, no contexto dado, pode ser classificada como um marcador epistêmico de hipótese, visto que indica que o conteúdo da sentença é apresentado como verdade possível, já que a presença do verbo *estar* no futuro do pretérito descompromete o falante com a verdade do dito. Assim, ao traduzir a locução *de fato* por *effectivement*, em francês, o tradutor torna a hipótese da sentença mais próxima da realidade, pois, segundo Frankel e Paillard (2008), o advérbio *effectivement* constitui o dito como efetivo, indicando a realidade como manifesta. Dessa forma, mesmo com sentidos hipotéticos correlatos, a frase contendo o advérbio *effectivement* apresenta maior possibilidade de ser real, tendo um sentido mais forte de manifestação da realidade. Dessa forma, acreditamos que o tradutor fez a escolha pelo apagamento para manter a frase que continha maior força ilocucionária. E, analisando desse ponto de vista, mesmo com o apagamento, o tradutor contemplou, como acreditamos, a função do advérbio *realmente*, apagado, através da locução *de fato* traduzida, em francês, pelo advérbio *effectivement*.

Quadro 14 – Representação da ocorrência 14 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(14)	Sim, não estava realmente em público, naquele lugar fora do mundo, decorado em vermelhos e dourados, repleto de mesas de pernas convolutas, estofados, reposteiros, tapetes, cortinões pejados, candelabros suspensos em correntões, castiçais maciços, janelas dando para sacadas de madeira negra esculpida.	C’est vrai, il n’était pas vraiment en public, dans ce lieu hors du monde, décoré dans des tons rouge et or, rempli de tables arquées, de sièges rembourrés, de portières, de tapis, de rideaux bouffants, de lustres suspendus par des grosses chaînes, de chandeliers massifs, de fenêtres donnant sur des balcons en bois noir sculpté.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No décimo quarto capítulo da obra, encontramos o personagem Patrício Macário, agora capitão, em um restaurante e cabaré. Ele entra e, ao se sentar, puxa uma outra cadeira, na qual estica uma das pernas, lembrando-se de como seria repreendido se estivesse na presença do pai, assim como sempre acontecera quando jovem, pois algumas atitudes não eram aceitas nem mesmo dentro de casa e jamais em público. Neste momento, o personagem foi tomado por um sentimento ambíguo de desconforto e excitação, mas decidiu manter a perna sobre a cadeira, afinal o restaurante-cabaré estava vazio e ele não estava realmente em público.

Segundo Cunha Lacerda (2012), podemos classificar o advérbio *realmente* contido neste excerto como sendo um marcador epistêmico factual, pois o falante expressa seu julgamento a respeito da situação com base no seu conhecimento da realidade. Assim, o advérbio tem a função de asseverar a realidade acerca do que está sendo dito mediante uma evidência factual, baseada na realidade que o falante experimenta. Já na tradução para o francês, escolheu-se o advérbio *vraiment*, que, como vimos anteriormente na análise do excerto 10, tem um caráter mais subjetivo e avaliativo (D'HONDT, 2018), de julgamento de valor incontestável (LONGOVÁ, 2011). Além disso, acompanhado da negação, o advérbio *vraiment* amplia seu sentido. Segundo Lapointe (2007), o advérbio *vraiment*, no excerto, é derivado do adjetivo *vrai* de tipo 2, aquele que caracteriza um conceito como sendo verdadeiro em oposição a um estado imperfeito ou incompleto, ou seja, o local era público, mas, por estar vazio, não possuía todas as características necessárias de um local público. Dessa forma, ao optar por *vraiment*, na forma negativa, o tradutor contempla o sentido imperfeito e incompleto do termo *público* no contexto dado, já que o local era público, mas, por estar vazio, não era, naquele momento, de fato, público. Assim, a tradução conseguiu manter a forma e função do termo no contexto dado, contemplando tanto os sentidos concretos como aqueles mais subjetivos.

Quadro 15 – Representação da ocorrência 15 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(15)	— Já comentamos isto, mas não me canso de comparar esta riqueza e este refinamento à pobreza do Brasil, onde, por mais que haja dinheiro, não se pode realmente ter nada disso.	— Nous en avons déjà parlé, mais je ne me lasse pas de comparer cette richesse et ce raffinement avec la pauvreté du Brésil, où même si on a beaucoup d'argent, on ne peut pas vraiment avoir toutes ces choses.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No capítulo 15, a cena contemplada no excerto destacado representa a fala de Bonifácio Odulfo, em conversa com sua esposa. Ambos estão hospedados em uma das propriedades do Marquês de Sasseiros em Portugal. Na conversa, fazem comparações entre o Brasil e Portugal e concluem que, mesmo alguém com muitas posses, não poderia, no Brasil, conquistar aquele luxo e refinamento por se tratar de um povo sem classe, não civilizado.

No excerto, temos, novamente, um marcador epistêmico factual, segundo Cunha Lacerda (2012). O advérbio *realmente* tem a função de asseverar a realidade acerca do que está sendo dito, na medida em que o falante expressa seu julgamento a respeito da situação com base no seu conhecimento da realidade. No excerto em francês, o tradutor optou pelo advérbio *vraiment*, provavelmente, por se tratar de uma evidência factual com carga mais subjetiva, levando em consideração o julgamento do falante, como afirma D'Hondt (2018). Com relação à negação contida na sentença, percebemos que estamos novamente diante do adjetivo *vrai* de tipo 2, que caracteriza um conceito como sendo verdadeiro em oposição a um estado imperfeito ou incompleto, conforme Lapointe (2007). Assim, vemos que, conforme o julgamento do falante, não há a possibilidade de alguém, no Brasil, ter o refinamento e o glamour que a riqueza pode proporcionar, mesmo possuindo dinheiro.

Percebemos, portanto, que o tradutor, ao optar pelo advérbio *vraiment*, na sentença negativa, contempla a forma e a função exercidas pelo advérbio *realmente* no contexto original do excerto.

Quadro 16 – Representação da ocorrência 16 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(16)	Queria uma palavra mais incisiva, embora não transparente demais, mas não conseguira encontrá-la. E o “que lhe fará bem” era realmente necessário?	Elle aurait souhaité un mot plus précis, sans être toutefois pas trop transparent, mais elle n’avait pas réussi à le trouver. Et le “qui vous feront du bien” était-il vraiment nécessaire?

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No capítulo 16 da obra, a cena representada no excerto acima se passa no ano de 1871, e a personagem Henriqueta, esposa de Bonifácio Odulfo, aguarda a chegada do cunhado, vindo da Europa, por quem nutria mais do que um sentimento fraterno. Ela arruma o quarto em que ele se hospedará e, em cima da cômoda, coloca um vaso de jasmim com um bilhete de boas-vindas. Após escrever o bilhete, ela repensa na adequação das palavras, tentando deixar claras suas intenções, sem se exceder. No bilhete, ela escreve: *“Trouxe-lhe estas flores, que eu mesma escolhi a capricho, para alegrar seu quarto e ajudar a ocupar sua mente com coisas mais agradáveis. Pense nelas, que lhe fará bem. Carinhosamente, H.”* Ao repensar nas palavras escritas, ela se questiona se era ou não necessário o último trecho *“que lhe fará bem”*. Ao se questionar, a personagem utiliza o advérbio *realmente* com carga mais subjetiva, hesitando se deveria ou não ter escrito aquilo. Dessa forma, segundo Cunha Lacerda (2012), podemos classificar o advérbio *realmente*, neste contexto, como um marcador epistêmico de hipótese, já que está asseverando uma realidade relativa, da qual o falante não tem muita certeza. Já em francês, no excerto, o advérbio foi traduzido por *vraiment*, que, segundo D’Hondt (2018),

possui um caráter mais subjetivo e avaliativo, o que condiz com a forma e a função do advérbio *realmente* no contexto original.

Quadro 17 – Representação da ocorrência 17 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(17)	Após uma participação na Campanha do Paraguai reputada como brilhante, acompanhada por uma série quase vertiginosa de promoções, estagnara na carreira, vivia de posto burocrático em posto burocrático, era realmente um oficial obscuro.	Après une participation considérée comme brillante dans la campagne du Paraguay, suivie d'une série presque vertigineuse de promotions, sa carrière avait stagné, il passait sa vie à aller de poste bureaucratique en poste bureaucratique, c'était réellement un officier obscur.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima se encontra no capítulo 17 da obra e refere-se ao personagem de Tico, irmão de Henriquetta, de personalidade rebelde e voluntariosa. Sempre muito impulsivo, não tivera muita sorte na vida, mesmo na carreira militar, na qual obteve algumas conquistas, ficando estagnado depois de um certo tempo, devido à falta de preparo e à falta de estudos.

Segundo Cunha Lacerda (2012), podemos classificar o advérbio *realmente*, contido neste excerto, como sendo um marcador epistêmico factual, na medida em que o falante expressa seu julgamento a respeito da situação com base no seu conhecimento da realidade. Dessa forma, o advérbio tem a função de asseverar a realidade mediante uma evidência factual, baseada na realidade. Em português, percebemos que o advérbio *realmente* assevera a realidade observável, função respeitada pelo tradutor ao optar por *réellement*, em francês, pois, conforme D'Hondt (2018), o advérbio *réellement* tem um sentido mais concreto e objetivo, ligado ao campo semântico da realidade, sendo um advérbio mais presente em contextos que têm forte referência

factual. Assim, podemos afirmar que o tradutor Jacques Thiériot contemplou tanto a forma quanto a função do advérbio *realmente* ao realizar sua tradução.

Quadro 18 – Representação da ocorrência 18 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(18)	Achou a ideia engraçadíssima, quase irresistível. Será que um dia cederia mesmo a um impulso desses, será que estava ficando realmente doido e não apenas pensando numa loucurazinha ou outra?	Il trouva très drôle cette idée, presque irrésistible. Était-il possible qu'un jour il cédât pour de bon à l'une de ces envies, était-il possible qu'il devînt vraiment fou, et pas seulement tenté par telle ou telle lubie?

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima encontra-se no capítulo 18 e se passa no jardim da frente da casa do general Patrício Macário, homem com hábitos racionais e sólidos. Aos domingos, cuidava do jardim da frente de sua casa, mas não agradava a ele muito a ideia de ter que cumprimentar todos que ali passavam, saindo da missa aos domingos. Pensava estar ficando doido, tendo algumas ideias estranhas, como pode ser observado a seguir: “[...] *assanhar o cabelo e, quando uma daquelas senhoras endomingadas lhe desse bom-dia, esticar meio palmo de língua para fora, [...]*”. No excerto, Patrício Macário se questiona se, por ter aquele tipo de ideia, estaria ficando doido.

Segundo Cunha Lacerda (2012), podemos classificar o advérbio *realmente*, contido neste excerto, como sendo um intensificador adjetival epistêmico, por intensificar as propriedades expressas pelo adjetivo *doido* na sentença, com noção de escalaridade, além de denotar uma avaliação subjetiva por parte do falante. Na tradução do excerto, o tradutor Jacques Thiériot optou pelo advérbio *vraiment*, que, segundo D’Hondt (2018), tem caráter avaliativo e é mais polissêmico, estando mais apto a assumir funções variadas, sendo uma delas a de intensificar, positiva ou negativamente, uma operação subjetiva, além de também assumir uma gradação.

Assim, ao analisarmos o advérbio *realmente* no original e em sua tradução, no excerto em questão, percebemos que o tradutor contemplou tanto os aspectos formais quanto os aspectos funcionais, permitindo que os leitores da tradução possam ter acesso ao mesmo sentido preconizado em seu original.

Quadro 19 – Representação da ocorrência 19 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(19)	— Mas, sim senhor, que som magnífico! É outra coisa, outra coisa! O americano realmente sabe fazer as coisas.	— Mais vraiment, quel son merveilleux! C’est autre chose, autre chose! Les Américains savent réellement faire les choses.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

O excerto acima se passa no ano de 1977. Em uma conversa, Ioiô Lavínio pede ao seu genro que coloque no toca-discos, trazido há pouco tempo do Estados Unidos, um vinil de música clássica. Ao colocar o disco, a casa toda se enche com aquela música, e os dois começam a conversar sobre a qualidade dos produtos norte-americanos. Nesse contexto, percebemos que, ao dizer que o “*americano realmente sabe fazer as coisas*”, o personagem está expressando seu julgamento com base no seu conhecimento sobre a realidade; ele está asseverando a verdade sobre o fato de os americanos saberem fazer as coisas, se respaldando na evidência factual que vivencia. Segundo Cunha Lacerda (2012), com tais características, podemos classificar o advérbio *realmente*, no excerto, como um marcador epistêmico factual, justamente por asseverar a realidade com base nos fatos.

Para a tradução em francês do excerto, o tradutor Jacques Thiériot optou pelo advérbio *réellement*, que, segundo D’Hondt (2018), tem um sentido mais concreto e objetivo, ligado ao campo semântico da realidade, o que podemos perceber ao lermos o excerto em português. Nele, o julgamento do falante está embasado, fortemente, pela realidade que vivencia ao escutar a qualidade do som do aparelho de fabricação norte-americana. Dessa forma,

podemos concluir que o tradutor contemplou os aspectos formais e funcionais do advérbio *realmente* em português, permitindo que o leitor da tradução tivesse acesso à intenção do autor do texto original.

Quadro 20 – Representação da ocorrência 20 e de sua respectiva tradução para a língua francesa

	Texto original	Tradução para o francês
(20)	<i>Entre abogados te veas</i> é realmente a praga definitiva, uma obra-prima de concisão e perversidade, a que somente um tolo preferiria expor-se em lugar de outras, à primeira vista piores mas infinitamente mais brandas, tais como “vá para o inferno” ou “que passes o resto da vida comendo comida baiana”	“Va te faire voir chez les avocats” est vraiment l'imprécation définitive, un chef-d'oeuvre de concision et de perversité, à laquelle seul un imbécile préférerait s'exposer plutôt qu'à d'autres, à première vue pires mais infiniment plus douces, telles que “Va au diable” ou bien “Passe le reste de ta vie à manger de la cuisine bahianaise”.

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2021)

No último excerto de nossa análise, no capítulo 20, encontramos um dos personagens em meio a muitos advogados para definirem a descendência de Dr. Eulálio Henrique Martins Braga Ferraz. Pela situação em que se encontra, o personagem se refere ao filme “*Entre abogados te veas*”, do ano de 1951, para asseverar sua realidade — de estar entre muitos advogados — e seu julgamento sobre tal realidade. Segundo Cunha Lacerda (2012), pelo fato de o falante expressar seu julgamento a respeito da realidade, por conhecê-la, podemos classificar o advérbio *realmente*, presente no excerto, como um marcador epistêmico factual, pois assevera as condições de verdade da proposição. Em francês, o excerto foi traduzido pelo advérbio *vraiment*, que, mesmo sendo um correlato de *réellement*, não possui a mesma carga semântica. *Réellement* é usado em contextos mais concretos, e *vraiment* em contextos mais subjetivos, conforme D'Hondt (2018). E ainda, segundo Longová (2011), o advérbio *vraiment* tem o caráter incontestável de uma avaliação, de um julgamento de valor. Ao analisarmos o contexto do excerto,

vemos que, de fato, ao dizer que “estar entre advogados é uma praga definitiva”, o personagem demonstra um julgamento de valor sobre a realidade que vivencia. Assim, o tradutor optou, provavelmente, pelo advérbio *vraiment* em razão de sua carga mais subjetiva e avaliativa. Dessa forma, concluímos novamente que ele contemplou as características formais e funcionais do advérbio *realmente*, no texto original, ao realizar sua tradução.

3.4. CONCLUSÕES

Assumindo o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo específico, os pressupostos ensejados por Traugott e Trousdale (2013), este capítulo teve como objetivo verificar o tratamento conferido pelo tradutor Jacques Thiériot ao advérbio *realmente* ao realizar a tradução da obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Assim, nossos objetivos mais específicos foram: i) analisar a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa, verificando as escolhas tradutórias e atestando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais das construções identificadas; ii) salientar a relevância de o tradutor ter consciência de que a unidade básica da língua é a construção; iii) trazer contribuições para a tradução do advérbio *realmente* por meio das análises realizadas.

A partir do levantamento das ocorrências na obra original e, também, a partir da categorização proposta por Cunha Lacerda (2012), pudemos verificar que o advérbio *realmente*, na língua portuguesa, apresenta funções variadas a depender do contexto. Ao analisarmos as traduções, verificamos que, para cada função diferente que o advérbio *realmente* assume, o tradutor utilizou um advérbio diferente no francês, alternando entre *réellement*, *vraiment*, *effectivement*, *en réalité* e *c'est vrai*, cada qual assumindo uma função diferente, na língua francesa, que, conforme pudemos observar, condizia com a função do advérbio *realmente* no texto original. Assim, constatamos que, em todos os casos analisados, o tradutor contemplou a forma e a função do advérbio *realmente* no contexto em que o advérbio se encontrava. Dessa maneira o tradutor reconstruiu, em francês, as variadas funções do advérbio *realmente*, modificando o vocábulo, na língua francesa, para que o leitor pudesse ter acesso às nuances que o advérbio

realmente assume em português na obra original.

Ao final, constatamos que, mesmo que a tradução tenha sido realizada muitos anos antes da formulação do aporte teórico no qual nos apoiamos neste trabalho, o tradutor teve a percepção de que o advérbio *realmente* assumia funções diferentes em contextos diferentes, baseando sua tradução nas funções assumidas no original. Assim, ressaltamos que um tradutor atento às questões relacionadas ao que defendemos neste trabalho – o pareamento forma-função – é um tradutor mais consciente e com maior chance de obter êxito em suas escolhas tradutórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mais amplo refletir acerca da importância de se assumir a abordagem construcional na tradução, a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, no que tange, particularmente, às proposições de Traugott e Trousdale (2013). Assim, buscamos analisar a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa, descrevendo as escolhas tradutórias e verificando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais das construções identificadas. Além disso, este trabalho teve a intenção de salientar a relevância de o tradutor ter consciência de que a unidade básica da língua é a construção, trazendo contribuições para a tradução do advérbio *realmente* por meio das análises realizadas.

O levantamento das ocorrências foi feito a partir da obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Nesse sentido, foram analisadas vinte ocorrências – sendo sempre a primeira de cada capítulo – segundo a categorização proposta por Cunha Lacerda (2012). Para as traduções, verificamos se o tradutor contemplou, ou não, os aspectos formais e funcionais apresentados pelo advérbio *realmente* no texto original.

Com base nas análises realizadas, pudemos constatar que o advérbio *realmente*, no português, assume diferentes funções, sendo traduzido para o francês por vocábulos diferentes, que tinham maior aproximação com as funções exercidas pelo advérbio *realmente* no contexto dado. Dessa forma, quando o advérbio *realmente* tinha forte ligação com a realidade mais concreta e objetiva, era traduzido por *réellement*; já quando tinha um carácter mais subjetivo e avaliativo, era traduzido por *vraiment* e, assim, como vimos nas análises, ainda foi traduzido por *effectivement*, *en réalité* e *c'est vrai*. Nesse sentido, verificamos que o tradutor conseguiu manter as diferentes funções exercidas pelo advérbio *realmente* nos contextos da obra original.

Em decorrência das análises realizadas e dos resultados obtidos, consideramos que os objetivos inicialmente propostos foram cumpridos de maneira satisfatória. Ressaltamos ainda que este trabalho contribui, substancialmente, para a reflexão acerca das contribuições da abordagem construcional para a área de tradução, destacando a necessidade de haver uma maior consciência do tradutor em suas escolhas tradutórias. Contudo,

reconhecemos que há limitações no estudo apresentado e acreditamos que muito ainda pode ser investigado acerca da contribuição da abordagem construcional para os Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. M.. *Funcionalidade do modalizador realmente no português brasileiro: de epistêmico a marcador discursivo*. Revista VERBUM, v. 6, n. 4, p. 105-122, nov. 2017.
- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação linguística, mudança linguística e construcionalização*. In: *XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BYBEE, J. L.. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. L.. *Língua, Uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BRYMAN, A. *Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world*. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. (Eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.
- CATFORD, J. C.. *A linguistic theory of translation*. Oxford: Oxford University Press. 1965.
- CROFT, W.. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. *O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas*. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. *A multifuncionalidade do advérbio “realmente” na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções*. Alfa, São Paulo, 2012, p. 169-200.
- D'HONDT, U.. *Vraiment et réellement en contraste. Analyse syntatique, sémantique et discursive*. Revista Zeitschrift Für Französische Sprache und Litatur, v. 1, 2018, p. 5-29.
- EVEN-ZOHAR, I.. *The Function of the Polysystem in the History of Literature*. Masa, 1970.
- FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D.. *Mots du discours: adéquation et point de vue. L'exemple de réellement, en réalité; en effet, effectivement*. Revista Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 2, Ed. Colibri/CLUNL, Lisboa, 2008, p. 255-274.
- FRIEDRICH, H.. *On the Art of Translation*. In: Shulte, Rainer; Biguenet, John. (editores) *Theories of Translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*.

Chicago e London : The University of Chicago Press, 1992, p. 11-16.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

FURTADO DA CUNHA, M. A.. *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 157-176.

GENTZLER, E.. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad. de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009 [1993].

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *A constructionist approach to language*. In: *Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, 2016.

GUIMARÃES, M. P.. *O advérbio realmente: modalidade epitémica e implicaturas*. Revista da ABRALIN, v.15, n.1, p. 75-99, 2016.

HOFFMANN, T.. *Construction Grammars*. In: DANCYGIER, B. (Ed.) *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge University Press, 2017.

HOLMES, J.. *The name and nature of Translation Studies* [1972]. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000.

LAPOINTE, F.. *Analyse sémantique de pas vraiment*. Revista Communication, lettres et sciences du langage, v. 1, n. 1, abril 2007, p. 72-80.

LONGOVÁ, B.. *Les adverbes en -ment, leurs fonctions syntactique et leurs équivalents tchèques*. 2011.

MARTELOTTA, M. E.. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MUNDAY, J.. *Introducing Translation Studies: theories and application*. New York: Routledge, 2002.

NIDA, E. *The Bible Translator' Use of Receptor-language texts*. The Bible Translator, 1960.

REIß, K.; VERMEER, H. J. *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained*. Traduzido por Christiane Nord. Nova Iorque: Routledge, 2014, p. 85-92.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

SERBINA, T.. *A Construction Grammar Approach to the Analysis of Translation Shifts: a corpus-based study*. 2015

SZYMAŃSKA, I.. *Mosaics: A construction-grammar-based approach to translation*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe Semper. 2011.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.